

# BEM-ME-QUER

2º

ANO

mais

# ARTE

Maria Helena Webster (coord.)  
Dafne Sense Michelini  
Mairah Rocha  
Maucha Rocha  
Stella P.

CÓDIGO DA COLEÇÃO

0276P230202000060

PNLD 2023 - OBJETO 2

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO - VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO

# MANUAL de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

Ensino Fundamental • Anos Iniciais

Arte



Editora  
do Brasil

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**

# BEM-ME-QUER

mais

## ARTE

### MANUAL de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

#### **Maria Helena Webster (Coordenação)**

Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)  
Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Coordenadora de livros didáticos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio  
Formadora de coordenadores e professores em Arte  
Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil  
Idealizadora e autora de conteúdo de site de Educação Infantil

#### **Dafne Sense Michellepis**

Formada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Alra América  
Certificada pelo San Francisco International Orff Course (SFORFF)  
Artista de dança, pesquisadora e arte-educadora  
Professora especialista de dança no ensino formal  
Mediadora em cursos de extensão sobre corpo e movimento na educação

#### **Mairah Rocha**

Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (FASM)  
Cantora e percussionista corporal  
Educadora musical  
Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música  
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil  
Professora especialista de Música na Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais no ensino formal  
Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos em oficinas livres

#### **Maucha Rocha Barros**

Formada em Comunicação das Artes do Corpo – habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)  
Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo  
Coordenadora de escola de música e teatro em São Paulo  
Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música  
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil  
Colaboradora de livros didáticos na área de Arte para o Ensino Fundamental  
Professora especialista de Teatro em cursos livres e Música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais

#### **Stella Ramos**

Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
Pesquisadora, formadora, mediadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte/Cultura  
Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais  
Autora e coautora de ações artísticas que mesclam poesia e artes visuais  
Pesquisadora e arte-educadora em Artes Visuais  
Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio  
Autora de disciplina sobre artes híbridas e escola contemporânea em curso de formação a distância para professores de Arte



**Ensino Fundamental  
Anos Iniciais  
Arte**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

1ª edição  
São Paulo, 2021





**OLÁ, PROFESSORA!**

**OLÁ, PROFESSOR!**

A Arte nos convida a um longo percurso de descobertas pelas múltiplas formas de expressão que podemos desenvolver, e esse contato proporciona aos estudantes experimentar os elementos das linguagens em diferentes materialidades.

Agora, nós o convidamos a propor atividades que permitirão que eles aprofundem o contato com a arte – fixando conceitos e ampliando experimentações para que compreendam os conteúdos e teçam outras possibilidades relacionadas aos temas pertinentes a cada linguagem da arte.

Este conjunto de atividades foi desenvolvido como propostas impulsionadoras para que você, ao desenvolvê-las, tenha muitas outras ideias relacionadas a seu contexto escolar e a sua turma. É pela experimentação que os estudantes ampliarão seus repertórios de investigação e pesquisa.

Valorize a experimentação!  
Boas propostas!

As autoras

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**

# SUMÁRIO

## **EXPERIMENTAR PROCESSOS, CONSTRUIR O MUNDO**..... V

Verbos cognitivos: processos  
de criação..... V

## **O CONHECIMENTO DO ALUNO E O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM**..... V

Para revisar e reforçar..... VI

Para ampliar..... VI

## **DIMENSÕES DO CONHECIMENTO, COMPETÊNCIAS E AVALIAÇÃO**..... VI

Dimensões do conhecimento  
em Arte..... VI

Competências: gerais  
e específicas..... VII

Avaliação..... VII

## **PNA E AS PRÁTICAS EM ARTE**..... VII

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

## **O QUE ESTÁ PROPOSTO NO LIVRO DE PRÁTICAS PARA O ESTUDANTE?**..... VII

## **PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO**..... VIII

## **PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL**..... IX

### **UNIDADE 1**..... X

Plano de aula: Teatro coletivo e  
elementos da cena!..... X

Plano de aula:  
Brincando de teatro..... XI

### **UNIDADE 2**..... XIV

Plano de aula:  
Investigando possibilidades..... XIV

Plano de aula:  
Ampliar o olhar..... XVI

### **UNIDADE 3**..... XVIII

Plano de aula: Brincadeiras  
e danças populares..... XVIII

Plano de aula: Símbolos  
do maracatu..... XX

### **UNIDADE 4**..... XXIII

Plano de aula:  
Os instrumentos musicais..... XXIII

Plano de aula:  
Qualidades do som..... XXIV

## **REFERÊNCIAS**..... XXVIII

# EXPERIMENTAR PROCESSOS, CONSTRUIR O MUNDO

Pensar em um Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem é ampliar as possibilidades de experimentação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. [...] Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p. 193).

Com essa perspectiva, propomos um Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem que desdobre os saberes dos estudantes, incentivando-os a aprofundar e experimentar novos olhares sobre diferentes aspectos da Arte. Há muitos modos de se aproximar de um objeto de conhecimento, e a experimentação é um deles. Ela é especialmente importante nos Anos Iniciais.

## VERBOMATERIAL DE DIVULGAÇÃO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

As propostas do objeto de conhecimento “Processos de criação” reforçam a importância da prática investigativa. Esse objeto é sinônimo de investigação na experimentação e não mais um fazer pontual com pouco significado na aprendizagem. É a construção de uma proposta de experimentação encadeada. O estudante caminha numa construção em espiral, tratando de assuntos com diferentes abordagens e explorando diversos caminhos que culminam em práticas que evidenciam os temas apresentados pelo viés da experiência.

Os verbos cognitivos da BNCC (BRASIL, 2018, p. 201-203) trabalhados nas unidades são:

- experimentar a criação;
- dialogar sobre a sua criação;
- criar e improvisar;
- discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências;
- experimentar improvisações, composições e sonorização;
- experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações;
- exercitar a imitação e o faz de conta;
- experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz;
- reconhecer e experimentar.

Todos levam a múltiplas possibilidades de exploração, pelos estudantes, de aprendizados pela experimentação e suas variações cognitivas. As experimentações podem ocorrer com conteúdos que indicam foco na pesquisa e investigação dos estudantes ou em propostas que partem do próprio interesse deles, tornando-se experiências exploratórias e que lhes possibilitem dar vazão mais ampla a seu processo de criação. Especialmente na área de linguagem, a pluralidade de experiências e práticas conduz ao conhecimento mais integrado, aprofundado e pessoal.

Os projetos pedagógicos individuais, coletivos ou colaborativos possibilitam ao professor adequar a proposta ao seu contexto, mas buscam principalmente a expansão das investigações da turma.

## O CONHECIMENTO DO ALUNO E O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM

O Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem, como o próprio nome indica, traz propostas de experimentação, direta ou subjetiva, para serem trabalhadas de acordo com seu planejamento pedagógico. Está dividida em duas seções: revisão, que enfatiza a retomada dos conhecimentos gerais dos estudantes, fixando e verificando a aprendizagem; e ampliação dos conhecimentos pela observação, investigação, reflexão e criação.

As propostas elaboradas pelos autores buscam possibilitar a você, professor, no contexto escolar, o desenvolvimento de atividades encadeadas, com enfoque nas quatro linguagens da Arte na BNCC: Artes Visuais, Teatro, Música e Dança. Essa proposta está fundamentada nos ganhos da aprendizagem por projetos.



### PARA REVISAR E REFORÇAR

Revisitar conteúdos vividos, de forma geral, possibilita progressão cognitiva na experiência realizada. O ato de contextualizar e nomear a experiência de vida dos estudantes fornece a base para se desenvolver processos criativos ancorados nas atividades aqui propostas. O ato de refazer algo é, na realidade, uma troca consigo mesmo, que amplia e consolida o experimentado. Esses momentos, que adquirem características de avaliação formativa por proporcionar o relembrar, tornam-se a base de um novo processo criativo, propiciando ao estudante estar sempre aberto ao fazer e refazer, tão presente em todas as aprendizagens por experiência.

O fazer e refazer faz parte do pensamento científico crítico e criativo, por possibilitar múltiplas experimentações em um processo investigativo. O pensamento criativo encontra espaço para narrativas visuais, orais, corporais e escritas, enfim, em qualquer tipo de letramento.



### PARA AMPLIAR

Fundamentado na revisão e com espaço para novas experiências criativas, o estudante se permite fazer percursos mais longos, com paradas investigativas e diferentes propostas em cada etapa. A palavra **percurso** também pode indicar um espaço percorrido por um corpo em movimento – um movimento criativo.

Esse corpo em movimento é do estudante em seu processo criativo, com os elementos e materialidades das linguagens no contexto

dele e do professor. Você, docente, observará a turma por vários ângulos para reunir diferentes “informações” sobre a diversidade que compõe a sala de aula.

A proposta de a ampliação ser encadeada e ter quatro etapas fundamenta muitas outras ações no contexto de cada escola, como um todo ou diante do interesse dos estudantes, pela possibilidade de tornar-se um projeto pedagógico, não metodológico.

## DIMENSÕES DO CONHECIMENTO, COMPETÊNCIAS E AVALIAÇÃO

### DIMENSÕES DO CONHECIMENTO EM ARTE

As práticas propostas contemplam as linguagens da Arte – Artes Visuais, Teatro, Dança e Música – e articulam esses saberes com as seis dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

A dimensão da **Expressão** está diretamente ligada às possibilidades oferecidas aos estudantes de exteriorizar criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individual e coletivamente, utilizando os elementos de cada uma das linguagens e sua materialidade, assim como a dimensão da **Criação**. A **Estesia** articula a sensibilidade do estudante na percepção da Arte como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o que está em seu entorno. A estesia tem no corpo seu maior protagonista.

A dimensão da **Fruição**, que propicia prazer ao mesmo tempo que enaltece a oportunidade de se sensibilizar ao participar de práticas artísticas, leva o estudante à dimensão da **Reflexão**, possibilitando o processo de construir um posicionamento sobre experiências e processos criativos. A **Crítica** abre caminho para a articulação e a formação de pensamento próprio acerca do experimentado e apreciado.



## COMPETÊNCIAS: GERAIS E ESPECÍFICAS

As práticas desenvolvidas trabalham as competências, assegurando aos estudantes a “possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil” (BRASIL, 2018, p. 199).

Sobre as competências, o jornalista Rosi Rico, no texto “Conheça e entenda as competências gerais da BNCC”, publicado na Revista Nova Escola, coloca que:

A ideia não é planejar uma aula específica sobre essas competências ou transformá-las em componente curricular, mas articular a sua aprendizagem à de outras habilidades relacionadas às áreas do conhecimento. Muitas dizem respeito ao desenvolvimento socioemocional que, para acontecer de fato, deve estar incorporado ao cotidiano escolar, permeando todas as suas disciplinas e ações. (RICO, 2021).

O desenvolvimento das competências em Arte está nas ações de investigação, expressão, criação e reflexão sobre o que foi vivenciado em atividades individuais, coletivas e cooperativas, possibilitando a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento da experimentação, a comunicação e a argumentação na apresentação de seu trabalho e a fruição durante todo o processo de criação.

## AVALIAÇÃO

A avaliação não deve ser excludente e classificatória. A experimentação proposta no Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem deve ser beneficiada por uma avaliação formadora com a autoavaliação, possibilitando ao estudante expressar-se sobre sua prática e sobre as facilidades e dificuldades encontradas durante o processo criativo.

## PNA E AS PRÁTICAS EM ARTE

O Decreto nº 9.765 de 2019 estabeleceu a Política Nacional de Alfabetização (PNA), cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional. O documento tem o caráter prático de orientar os programas e as ações do governo federal e exige, portanto, o alinhamento entre os materiais didáticos para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e suas diretrizes.

É natural a relação entre certos componentes curriculares, principalmente entre Língua Portuguesa e Arte, por ambas fazerem parte da área de Linguagens. São letramentos que a criança utiliza desde os primórdios para se comunicar. As primeiras expressões estão no balbuciar palavras e nos gestos incentivados por sua curiosidade. Mas as artes e, principalmente, os processos criativos podem ampliar essa interrelação pelo hibridismo da área. A arte – mais expressivamente a arte contemporânea, em que as crianças se inter-relacionam despojadas de qualquer critério racional, apenas pelo sentir e experimentar –, possibilita a construção de aprendizados nos dois componentes, ao vivenciá-los.

## O QUE ESTÁ PROPOSTO NO LIVRO DE PRÁTICAS PARA O ESTUDANTE?

Assim como a criança na Educação Infantil, o estudante se aproxima de uma obra de arte, principalmente de arte contemporânea, “despido” de racionalização. Ele se aproxima como se aproxima sempre de uma brincadeira, de um elemento da natureza, de uma pessoa. Essa liberdade vem de sentir, sem racionalizar, o que pode vir a experimentar e, na sequência, expressar o que experimentou. Esse é o percurso do estudante em seu processo de criação.

O estudante dos primeiros anos narra o vivenciado pela experiência, sem preocupação com categorizações em sua fala, de modo

diferente do adulto, que busca compreender o que viveu para organizar seu relato.

O crítico de arte Fernando Cocchiarale (2006, p. 10) diz que:

[...] o problema é que estas pessoas [os adultos] usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra.

Os livros desta coleção propõem práticas visuais, sonoras, gestuais, cênicas e escritas que levam os estudantes a sentir e experimentar, de modo que possam se expressar e progredir no aprendizado pelas várias experiências realizadas. As propostas consistem em propiciar uma criação e, em seguida, apreciar o caminho percorrido, mas não explicar ou julgar seu processo. O estudante não precisa explicar o resultado de seu trabalho, assim como posiciona Cocchiarale (2006, p. 10):

O artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas.

O mesmo procedimento acontece com o estudante em suas expressões.

Para concluir, vale lembrar que o que os estudantes vão aprender que Arte não se restringe apenas a conteúdos específicos mas à sua capacidade de encontrar caminhos expressivos, arriscar experimentar, buscar a própria voz. A coleção **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** desenvolve o envolvimento de questões e práticas expressivas.

## PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO

Até há bem pouco tempo, o ensino de Arte se resumia comumente a tarefas repetitivas, que não estimulavam a experimentação como parte do processo de criação do estudante. As propostas costumavam enaltecer a preocupação com o resultado final e não com o processo de criação. A BNCC propõe uma inversão nessa forma de ensinar, conforme abordamos anteriormente, enfatizando a presença dos verbos cognitivos relacionados à experimentação.

A experimentação ocorre quando o estudante explora a linguagem por meio de

investigações e pesquisa, da ação de fazer e refazer, aprecia o realizado e reflete sobre ele para, então, reiniciar o processo.

Um processo de experimentação, sempre!

Ainda reportando-se à BNCC, encontramos dez vezes o verbo **experimentar** distribuído nas 26 habilidades dos Anos Iniciais. Isso mostra mais de 38% de enfoque na orientação para propostas práticas que possibilitem ao estudante aprender por meio do fazer, buscando ampliar sua autonomia (iniciada pela curiosidade na infância) e exercitar processos que o levem a construir, ao longo de sua jornada de estudante, uma forma de expressão visual, corporal ou sonora.

Essa proposta só se concretiza se as práticas fizerem sentido no contexto dos estudantes, ou seja, se forem significativas para eles. Para isso, é necessário que participem da própria elaboração da proposta, façam um levantamento do que conhecem, do que já desenvolveram e de como se sentiram durante a elaboração, principalmente usando linguagens não familiares.

Por que voltamos a falar dos verbos cognitivos?

Porque eles ressaltam a importância de um livro voltado para a ampliação das experimentações e não apenas propondo atividades já desgastadas pela repetição.

A palavra **prática** pode ser interpretada apenas como um fazer pontual, sem nada acrescentar ao aprendizado dos estudantes. Mas se for compreendida como parte de uma sequência, de um trabalho de investigação recorrente, alinhado em novas buscas e pesquisas, ela possibilita aos estudantes exercitar a investigação autônoma e aprender pelo autoconhecimento. Em arte, eles descobrem, pela prática, as possibilidades da materialidade utilizada e dos elementos da linguagem escolhida. A arte possibilita essa união.

O percurso de criação dos estudantes entendido como “processo” é formado de ações muito similares às do artista, independentemente da linguagem de expressão. As obras de arte contemporâneas trazem em sua materialidade vestígios de grandes pesquisas para identificar um caminho, muitas vezes unindo mais de uma linguagem artística. Os artistas também investem em pesquisas, testagens e investigações para chegar ao resultado no contexto proposto.

A BNCC revê essa posição, enfatizando a importância dos processos de criação, quando propõe que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p. 193).

Desse prisma, os estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental abrigam na memória os bons momentos vivenciados na Educação Infantil, com uma bagagem de conhecimentos construídos tanto pelo aprendizado em brincadeiras e investigações quanto pela elaboração de narrativas que explicam como eles percebem seu entorno e os impulsos que sua curiosidade valorizada os leva a descobrir.

## PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL

Apresentamos a seguir uma proposta de distribuição dos conteúdos do Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem no decorrer do ano letivo. Ele está organizado por bimestres.

O plano de desenvolvimento anual é somente uma sugestão, pois também valoriza a autonomia do professor e pode ser adaptado à realidade escolar e à quantidade de aulas destinadas à disciplina de Arte em seu estado ou município.

	CRONOGRAMA	CONTEÚDO A SER TRABALHADO	BNCC E PNA
UNIDADE 1	1º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> <li>Atividades de revisão das páginas 6 e 7 (<b>Teatro coletivo e elementos da cena!</b>).</li> <li>Atividades de ampliação das páginas 8 a 10 (<b>Brincando de teatro</b>).</li> </ul>	<p><b>Competência geral:</b> 10.</p> <p><b>Competência específica de Linguagens:</b> 3.</p> <p><b>Competências específicas de Arte:</b> 4 e 8.</p> <p><b>Habilidades:</b> EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21.</p> <p><b>Componente essencial para a alfabetização:</b> produção escrita.</p>
UNIDADE 2	2º BIMESTRE	<p><b>MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Atividades de revisão das páginas 12 e 13 (<b>Investigando possibilidades</b>).</li> <li>Atividades de ampliação das páginas 14 a 16 (<b>Ampliar o olhar</b>).</li> </ul>	<p><b>Competências gerais:</b> 3, 4 e 9.</p> <p><b>Competência específica de Linguagens:</b> 5.</p> <p><b>Competência específica de Arte:</b> 8.</p> <p><b>Habilidades:</b> EF15AR01, EF15AR06, EF15AR23.</p> <p><b>Componente essencial para a alfabetização:</b> produção escrita.</p>
UNIDADE 3	3º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> <li>Atividades de revisão das páginas 18 e 19 (<b>Brincadeiras e danças populares</b>).</li> <li>Atividades de ampliação das páginas 20 a 22 (<b>Símbolos do maracatu</b>).</li> </ul>	<p><b>Competências gerais:</b> 1 e 3.</p> <p><b>Competências específicas de Linguagens:</b> 1 e 5.</p> <p><b>Competências específicas de Arte:</b> 1 e 3.</p> <p><b>Habilidades:</b> EF15AR08, EF15AR10, EF15AR24, EF15AR25.</p> <p><b>Componentes essenciais para a alfabetização:</b> produção escrita; fluência em leitura oral.</p>
UNIDADE 4	4º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> <li>Atividades de revisão das páginas 24 e 25 (<b>Os instrumentos musicais</b>).</li> <li>Atividades de ampliação das páginas 26 a 29 (<b>Qualidades do som</b>).</li> </ul>	<p><b>Competência geral:</b> 9.</p> <p><b>Competência específica de Linguagens:</b> 5.</p> <p><b>Competência específica de Arte:</b> 4.</p> <p><b>Habilidade:</b> EF15AR14.</p> <p><b>Componentes essenciais para a alfabetização:</b> consciência fonológica; produção escrita.</p>

# UNIDADE 1

## PLANO DE AULA: TEATRO COLETIVO E ELEMENTOS DA CENA!

**Duração:** 1 aula ou sempre que sentir necessidade de trabalhar a relação do grupo, percepção do outro, sintonia e atenção.

**Habilidades trabalhadas:**

- EF15AR19
- EF15AR20

**Componentes essenciais de alfabetização da PNA:**

- Literacia emergente.
- Produção de escrita.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Tema:** Trabalho coletivo.

**Objetivo:** Desenvolver a sintonia do grupo, a percepção espacial, a concentração e a percepção da importância da colaboração de todos no trabalho coletivo; reconhecer alguns elementos importantes para a representação teatral, como personagens, espaço e ações.

### MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

**Material:** DA EDITORA DO BRASIL

- Não é necessário nenhum material.

**Onde fazer:** Qualquer local amplo, com espaço para os estudantes andarem. Se usar a sala de aula, afaste mesas e carteiras, deixando o espaço livre.

## INTRODUÇÃO

Um dos pontos mais importantes para trabalhar teatro é desenvolver as relações de grupo, formar um coletivo que se respeita, que se escuta e que está em sintonia. Para isso, é importante que as dinâmicas e as propostas que envolvem confiança e respeito ao outro sejam realizadas com frequência. Conscientizar os

estudantes de que é preciso trabalhar em conjunto e que todos devem se respeitar, se escutar e ter seu espaço garantido é fundamental.

## DESENVOLVIMENTO

### PARTE 1

Os estudantes devem imaginar que a sala ou o espaço que vocês determinarem é um grande barco. Juntos, eles devem manter o barco equilibrado. É importante que tenham a consciência de que o barco pode afundar quando está com um lado mais pesado do que o outro; então, converse sobre isso antes. Se for preciso, exemplifique com imagens ou alguma experiência.

Peça que comecem a andar, imaginando que estão todos andando no barco. Eles precisam garantir que o barco não afunde. Para isso, devem se espalhar no espaço, mantendo-o equilibrado, andando e observando se há espaços cheios ou vazios conforme trocam de lugar. Durante o exercício, eles não devem falar, apenas observar o espaço, seu caminhar e os outros.

Após a atividade, verifique se conseguiram manter o equilíbrio do barco e o que fizeram para isso. Avalie se trabalharam bem em conjunto, se entraram em sintonia, e se perceberam e colaboraram para chegar ao objetivo comum: o equilíbrio do barco.

### PARTE 2

Alguns elementos são muito importantes ao realizarmos uma cena ou uma improvisação teatral: personagens (quem), espaço (onde) e as ações (o quê). É importante que os estudantes compreendam que esses elementos ajudam a pensar na cena e na história que irão ensaiar ou improvisar. Quando improvisam, é possível que tudo se transforme na hora, mas, mesmo enquanto estão na cena, precisam saber quem são, onde estão e o que estão fazendo. Às vezes, ao criar uma história, os estudantes se perdem nessas questões, esquecem o que acabaram de inventar e deixam personagens esquecidos ou acontecimentos sem continuidade. Quando começam a pensar nesses elementos, passam a criar as cenas com mais sentido, dando sequência às ideias que surgem.

Na atividade 2, propomos que os estudantes identifiquem esses conceitos ao pensar em seu entorno e nas pessoas que os rodeiam como personagens de sua vida, e em sua casa, escola e vizinhança como seus lugares especiais. Para ajudá-los a responder às questões, estimule-os: Quem são os personagens da sua vida? Quais são os principais? Quem vive com você a maior parte do tempo? Como eles são? Como você os descreveria?

E em quais lugares você vive? Sua casa? Sua escola? Sua rua? Casa dos avós, de amigos, praça? Em que lugares acontecem coisas importantes para você? Qual lugar da sua vida você escolheria como o principal? Onde você mais gosta de estar? E as ações? Como é o seu dia a dia? Quais são as ações que mais se repetem? E quais são as mais legais para você?

## ENCERRAMENTO

Ao final, compartilhe com o grupo as respostas dos estudantes, identificando os personagens, espaços e ações da vida de cada um, verificando se são parecidos ou diferentes, se os estudantes aparecem como personagens da vida uns dos outros, se a escola aparece como um dos espaços em comum e, neste caso, como a descrevem. A partir disso, estimule-os a falar sobre como a vida de todos é semelhante e diferente ao mesmo tempo.

# MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL PLANO DE AULA: BRINCANDO DE TEATRO

**Duração:** 4 aulas e atividades em casa.

**Habilidades trabalhadas:**

- EF15AR18
- EF15AR19
- EF15AR20
- EF15AR21

**Componentes essenciais de alfabetização da PNA:**

- Literacia emergente.
- Produção de escrita.
- Noções espaciais.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Tema:** Brincar de faz de conta.

**Objetivo:** decidir em conjunto uma brincadeira de faz de conta para brincar.

**Material:**

- lápis de cor.

**Onde fazer:** Sala de aula.

## INTRODUÇÃO

A brincadeira de “faz de conta” e o teatro se misturam, sendo a brincadeira também uma forma de representação. É importante que os estudantes compreendam essa relação e que possam continuar partindo da brincadeira, que é algo natural e espontâneo para eles, para chegar às encenações. Nessa faixa etária, iniciar o trabalho com textos teatrais ou representações de histórias já existentes pode ser menos significativo do que tornar teatral a própria vivência da brincadeira.

## DESENVOLVIMENTO

Vamos criar cenas teatrais baseadas na brincadeira dos estudantes, ampliar e aprofundar a criação, deixando um tempo maior para que elaborem personagens, cenários e ensaiem sua história.

Organize uma votação do tema da brincadeira. Pergunte quais são as brincadeiras de que mais gostam, faça uma lista e, em seguida, uma votação. Peça que anotem no livro quantos votos cada brincadeira recebeu e indiquem qual brincadeira ganhou. A brincadeira pode se transformar conforme ela se desenvolve; porém, é importante que os estudantes cheguem a um tema comum para ser o ponto de partida. Converse sobre como é necessário aceitar a ideia da maioria, mesmo que alguns não gostem daquela brincadeira, para que seja possível que todos brinquem juntos.

Depois, deixe que os estudantes brinquem. Interfira se perceber que estão com dificuldade para se organizar. Se não estiver acontecendo muita coisa, sugira eventos como: começou a

chover, apareceu um bicho, anoiteceu etc., para estimular a ação.

## ENCERRAMENTO

Enquanto os estudantes brincam, faça anotações do que observou: O que eles estão fazendo? Onde estão? Que personagens estão representando? Anote os detalhes, pois a turma pode não se lembrar de tudo o que aconteceu na hora de transformar a brincadeira em teatro.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

**Tema:** Imaginando um personagem.

**Objetivo:** Identificar um personagem da brincadeira para transformá-lo em personagem teatral.

**Material:**

- caderno;
- lápis;
- fantasias, roupas e adereços para caracterizar o personagem.

**Onde fazer:** Sala de aula para desenhar o personagem. E, em casa, para procurar os figurinos.

## INTRODUÇÃO

Quando os estudantes brincam de “faz de conta”, eles criam personagens, mesmo sem ter consciência disso. Eles decidem quem será mãe, pai, filho, cachorro, polícia, médico etc. Eles se transformam nesses personagens e passam a representá-los, assim como se faz no teatro, mas não os constroem antes.

## DESENVOLVIMENTO

Os estudantes construirão seus personagens ao brincar, improvisando com as referências que têm de suas vivências e do seu repertório

de desenhos, filmes etc. No geral, eles não irão pensar nas características dos personagens que estão inventando; apenas decidirão que tal colega é a mãe, por exemplo. A função “mãe” é determinada, mas como será essa mãe não é algo que eles decidam antes de brincar. Às vezes, as características aparecem no meio da brincadeira.

Ao finalizar a brincadeira e verificar que personagens os estudantes criaram, é importante que você os ajude na caracterização dos personagens: Como é essa mãe? Quantos anos ela tem? Quantos filhos ela tem? É engraçada, brava, séria, agitada, calma? Como ela anda? Como se veste?

Muitas vezes eles pensam em figurinos e adereços para os personagens nas suas brincadeiras. Se têm fantasias disponíveis, eles gostam e costumam usar, ainda que não tenham consciência de que estão fazendo um figurino para o personagem.

A fim de ajudar na diferenciação entre a brincadeira e o teatro, uma boa ideia é enriquecer as possibilidades de caracterização dos personagens. Às vezes, um simples adereço pode ajudar o estudante na transformação para representar seu personagem. É por meio das características de cada personagem que as ideias para o figurino devem surgir.

Liste, com eles, as ideias que surgirem para cada personagem: usar vestido, óculos, colar, chapéu ou bengala, por exemplo. No final, peça a cada estudante que desenhe no livro seu personagem como o imaginou. O desenho servirá de guia para essa pesquisa. Solicite que anotem no caderno as principais características do personagem.

## ENCERRAMENTO

Como uma lição de casa, peça aos estudantes que procurem em casa roupas e acessórios que podem servir para seus personagens ou os personagens dos colegas. Eles devem trazê-los na aula seguinte, para representar os personagens com os adereços escolhidos.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

**Tema:** Transformando o lugar da brincadeira em cenário da peça teatral.

**Objetivo:** Identificar o lugar em que se passou a brincadeira de "faz de conta" e, a partir dele, criar um cenário para o teatro que irão inventar.

**Material:**

- lápis de cor;
- lápis de desenho;
- objetos para caracterizar o cenário.

**Onde fazer:** Sala de aula.

## INTRODUÇÃO

Da mesma forma que orientamos a caracterizar os personagens, faremos isso com o local, pensando no cenário. Os estudantes também são acostumados a criar, espontaneamente, cenários para suas brincadeiras. Brincando de bonecos, de carrinhos ou de "faz de conta", eles criam espaços em que a ação da brincadeira irá acontecer e constroem cabanas com lençol, florestas com bichos de pelúcia... e o que mais vier na imaginação. Ainda que não tenham a consciência da construção do cenário, eles percebem a importância desse recurso para a representação.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

## DESENVOLVIMENTO

Além de estimular a imaginação na brincadeira, a elaboração do cenário ajuda a determinar o local da ação, pensando na disposição dos objetos de forma que a plateia consiga vê-los. Na brincadeira, a função do cenário é apenas para quem brinca; no teatro, ele ajuda a contar a história, a mostrar que lugar é aquele.

Para pensar na construção do cenário, o primeiro passo é definir **onde** acontece a cena. Caracterizar esse lugar enriquecerá a representação. Se, por exemplo, a ação se passar em uma escola, pergunte aos estudantes: Como é essa escola? Em que partes da escola acontecem as cenas? Que objetos fazem parte dela?

Depois de listar tudo, conversem sobre como vocês poderiam representar esse lugar com os objetos disponíveis na escola ou em casa, ou ainda construindo algum painel de tecido pintado, se acharem oportuno.

## ENCERRAMENTO

Depois de reunir com a turma os materiais para a construção do cenário, chega o momento de construí-lo. É recomendável que vocês já determinem qual espaço da escola será utilizado para a encenação. Depois de iniciar a montagem do cenário, permita que os estudantes deem suas sugestões de onde cada objeto pode ficar, montem e desmontem quantas vezes acharem necessário para chegar ao cenário de vocês. Por fim, deixe-os brincar com cenário e figurinos em mãos!

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

**Tema:** Encenar uma história.

**Objetivo:** Ensaiar e encenar a história criada a partir da brincadeira para uma plateia, aproximando-se de elementos da linguagem teatral, percebendo a diferença entre a brincadeira de "faz de conta" e a representação teatral e reconhecendo a importância das regras e colaboração no trabalho coletivo.

**Material:**

- objetos, roupas, adereços de casa.

**Onde fazer:** Na sala de aula, em espaços abertos ou em outro espaço da escola que vocês achem interessante para realizar a peça de teatro.

## INTRODUÇÃO

Relembre com os estudantes as situações da brincadeira, listando-as para transformá-las em uma história. Eles precisarão entender que, na hora de fazer o teatro, as ações precisam estar organizadas e que as cenas, em sequência, devem ter relação entre si, fazendo um sentido para a história criada.

## DESENVOLVIMENTO

É possível que os estudantes mais ativos dominem a cena; atente para que todos tenham a chance de participar. Por outro lado, respeite os que não se sentem à vontade para atuar, dando a chance de participar de outras formas: assistindo, dirigindo o ensaio e opinando no que acham que poderia ser diferente, por exemplo.

Eles não precisam decorar falas; podem improvisar, memorizando a sequência das cenas e dos acontecimentos conforme repetem o ensaio.

Oriente para que ensaiem cenas separadas, para que parte do grupo consiga ser plateia e observar o trabalho dos colegas. Converse com eles após a realização das cenas, para que deem sugestões do que poderia melhorar na representação teatral. Você pode usar mais de uma aula para ensaiar. Depois, juntos, escolham outro grupo de estudantes, ou até mesmo de familiares, para apresentar a peça de teatro de vocês. Faça com os estudantes convites da peça utilizando o modelo apresentado no livro. Preencha os dados comuns na lousa e observe se preenchem os demais dados corretamente.

## ENCERRAMENTO

Na aula seguinte, os estudantes apresentarão a peça de teatro! Aproveite para perceber o quanto estão à vontade e em sintonia para realizar a proposta. Se perceber que se sentem envergonhados, é importante intensificar os exercícios de apoio ao trabalho do grupo, essencial para o fazer teatral.

## UNIDADE 2

## PLANO DE AULA: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES

**Duração:** 2 aulas.

**Habilidades trabalhadas:**

- EF15AR01
- EF15AR06
- EF15AR23

**Componentes essenciais de alfabetização da PNA:**

- Literacia emergente.
- Noções espaciais.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Tema:** Composição de objetos tridimensionais.

**Objetivo:** Compreender que há diversas maneiras de construir uma imagem por meio de uma composição de objetos tridimensionais.

**Material:**

- objetos familiares;
- celular ou câmera fotográfica.

**Onde fazer:** Sala de aula ou espaço aberto.

## INTRODUÇÃO

O importante nesta prática é que os estudantes compreendam que há muitas maneiras de construir uma imagem. Aqui estamos lidando com uma composição de objetos tridimensionais. Esse conceito é essencial para as artes visuais. Quando falamos em **composição**, estamos investigando como se organizam os elementos que compõem determinada imagem. Em outras palavras: como as linhas, formas, cores e pontos se combinam. Trata-se do conjunto interno da imagem e como ele é organizado e distribuído. Para isso, observe com os estudantes a fotografia *A cigana (Magna)*, de Vik Muniz, feita de objetos reciclados.

Na prática seguinte faremos um exercício de composição usando os objetos tridimensionais que os estudantes trouxeram para construir uma imagem. Será uma espécie de retrato da turma numa concepção bem livre.

## DESENVOLVIMENTO

Para essa prática, os estudantes vão utilizar os objetos que trouxeram de casa. É importante que compreendam, logo de início, que há dois objetivos que caminham paralelamente: um diz respeito à linguagem, à construção



tridimensional; o outro, às questões sociais e culturais deles, relacionadas a sua origem familiar. Para que esses dois eixos sejam contemplados, vale iniciar com uma roda em que eles apresentem seus objetos e contem o motivo de sua escolha. A questão simbólica é mais relevante do que o objeto em si. Neste livro, estamos trabalhando o reconhecimento do outro, no caso, daqueles que cercam os estudantes: os amigos, a família, a comunidade da escola. Estimule as narrativas que o objeto propõe para quem o escolheu e a relação dele com elas.

A seguir, vamos trabalhar o elemento da linguagem propriamente dito. Você pode estabelecer critérios para ajudá-los nessa criação, como separar os objetos por cores ou formas. A partir dessa organização, estipule a área em que eles vão agrupá-los. Esses passos podem ajudá-los no processo de criação coletiva. Investigue se alguém tem uma ideia inicial. Em todo caso, a construção pode ser feita de maneira paulatina, com a inserção de um objeto por vez. Chame a atenção para os elementos da composição: cores contrastantes ou semelhantes, linhas formadas pelo encontro de objetos diferentes, pontos ou preenchimentos feitos com pequenos objetos, entre outras possibilidades. Novamente, o foco da aprendizagem deve estar muito mais concentrado no processo e na experimentação do que no resultado.

## ENCERRAMENTO MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

O olhar para o conjunto pronto torna visível o que foi realizado. Desse modo, no final, revise as escolhas com eles e deixe que as comentem livremente para que possam compartilhar seu aprendizado, incluindo aquelas que não funcionaram muito bem, mas que podem ter levantado questões interessantes.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

**Tema:** Alteridade e diversidade.

**Objetivo:** A partir da conversa sobre o chamado “lápis cor da pele”, propor discussões antirracistas e reflexão sobre alteridade, diversidade e diferenças.

### Material:

- tinta guache nas cores primárias, preto e branco;
- pincéis, de preferência chatos. Se não houver, pode ser usado o próprio dedo;
- potes, copos ou algum recipiente para a mistura de cores.

**Onde fazer:** Na sala de aula, mas os trabalhos podem ser repetidos em casa e feitos na área externa ou em outro ambiente da escola.

## INTRODUÇÃO

Esta prática dialoga diretamente com uma ideia recorrente no contexto escolar: o tom chamado “tom de pele”. É especialmente digno de atenção que esse tom encerra em si um estereótipo tão enraizado quanto irreal: o de que pode haver uma cor considerada apropriada ou correta para a pele humana e que ela seja a de uma pele branca. Simples conceitos como esse reforçam um preconceito social e estrutural que, para ser rompido, necessita de atenção e esforço: o racismo. É importante, por parte de quem educa, um olhar para a formação de nossa sociedade e sua história escravocrata. Infelizmente, o racismo existe de forma estrutural no Brasil, e a única maneira de combatê-lo é reconhecendo sua existência e se mantendo atento e ativo para mudar estereótipos e preconceitos e combater a intolerância. Fique atento a essa discussão, não apenas nesta atividade mas na prática da docência em geral, contribuindo para quebrar essa cadeia de violência e exclusão. Selecione artistas negros de várias épocas e traga para a turma essas referências.

## DESENVOLVIMENTO

Para a prática, aprofundaremos as investigações a respeito de tonalidade e misturas de cor. Auxilie os estudantes a encontrar o tom de pele deles misturando tintas e fazendo testes próximos ao braço, por exemplo. A fim de que cheguem ao resultado mais aproximado, oriente-os para que insiram pouca tinta a cada vez. Eles podem partir de uma cor-base, de acordo com o tom da pele, e seguir adicionando pequenos traços das outras cores. Sugira a adição de tons de amarelo, vermelho ou marrom conforme o caso. Ao adicionar branco, você criará tonalidades mais suaves e, ao mesmo tempo, ela se tornará mais

apagada e próxima do que reconhecemos como tom pastel, então deixe essa adição para o final. Isso vale para o preto, que pode abafar todas as nuances de tonalidades trabalhadas até então. Ele pode ser inserido, muito aos poucos, para escurecer a mistura. Não é necessário que a cor fique perfeita, exata. Explore as cores primárias, mas vá experimentando outros tons. Procure reunir os estudantes com facilidade para trabalhar com este material aos que têm mais dificuldade, estimulando, assim, a cooperação e a empatia.

Quando todos chegarem a um resultado satisfatório, é hora de pintar a superfície a ser exposta. Para isso é importante que você tenha preparado o material: quadrados de papel rígido ou papelão. É recomendável que todos tenham o mesmo tamanho para dar visibilidade a eles e valorizá-los igualmente. Na hora de expô-los, encontre um lugar de bastante visibilidade na escola.

## ENCERRAMENTO

Proponha uma roda de conversa sobre o assunto e seja um mediador que promove o respeito à diversidade.

## PLANO DE AULA: AMPLIAR O OLHAR

**Duração:** 4 aulas.

**Habilidades trabalhadas:**

- EF15AR01
- EF15AR06
- EF15AR11

**Componente curricular:** Alfabetização da PNA:

- Literacia emergente.
- Produção de escrita.
- Noções espaciais.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Tema:** Observando retratos.

**Objetivo:** Aproximar as linguagens das artes visuais à vida do estudante.

**Material:**

- Não há material necessário.

**Onde fazer:** Sala de aula.

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta prática é desenvolver a observação a partir da leitura das telas *Retrato de três garotos*, de Thomaz Badger, e *Mãda Primavesi*, de Gustav Klimt. É importante que você oriente os estudantes considerando os muitos modos de perceber uma imagem. Geralmente colhemos informações relacionadas ao conteúdo narrativo, mas a proposta aqui é observar como as obras são construídas tanto do ponto de vista formal quanto do ponto de vista simbólico.

## DESENVOLVIMENTO

Estimule os estudantes a perceber as semelhanças e diferenças entre as duas. Algumas perguntas podem ajudar: Como vemos os meninos: de corpo inteiro ou apenas rosto e ombros? Eles estão em ambientes internos ou externos? Que elementos da natureza aparecem nas imagens? Como as cores são trabalhadas? Será que os artistas tentaram ser realistas nas imagens? Esses são alguns caminhos, mas siga estimulando a observação e a curiosidade deles.

## ENCERRAMENTO

Depois de os estudantes falarem de suas impressões, conte-lhes que nas próximas atividades vocês irão investigar diferentes modos de trabalhar o retrato.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

**Tema:** Autorretrato no espelho.

**Objetivo:** Promover a exploração do desenho a partir do retrato de si mesmo.

**Material:**

- espelhos;
- caneta permanente;
- álcool;
- pano para limpeza do espelho.

**Onde fazer:** Na sala de aula, mas os trabalhos podem ser repetidos em casa e feitos na área externa ou em outro ambiente da escola.

## DESENVOLVIMENTO

Nesta prática vamos investigar, a partir de uma experimentação prazerosa, alguns elementos estruturais num retrato de rosto. O objetivo é mostrar, de forma leve, algumas percepções sobre a representação de um rosto, mas não de um rosto qualquer. Observando a si mesmos, os estudantes disparam um importante processo para o desenho. Lembre-se de que o olhar é parte fundamental desse processo, pois o desenho não é um procedimento mecânico feito apenas com as mãos. Desenhando a si mesmos no espelho, os estudantes desenvolverão, ao mesmo tempo, olhar para eles e para as formas e linhas do próprio rosto. Ao observar a distância entre os olhos, por exemplo, aprenderão, embora isso não precise ser mencionado, o que são proporção, forma e linha.

Você vai precisar de uma sala com espelhos ou de espelhos portáteis. A caneta permanente pode ser apagada com álcool, de preferência acima de 70%. Faça o teste antes da atividade para garantir que seu material esteja adequado. Se não houver espelhos para todos, use alguns. Vá fotografando os resultados e apagando-os em seguida para que outro estudante possa usá-los.

## ENCERRAMENTO

Converse com os estudantes sobre a experiência. Estimule-os a compartilhar a experiência simbólica, as descobertas e as dificuldades técnicas. Você poderá retomá-las nas práticas seguintes.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

**Tema:** Retrato.

**Objetivo:** Explorar o desenho por meio do retrato dos colegas; fruir diferentes traços e linhas compartilhando os desenhos desde o processo de criação.

### Material:

- lápis grafite, borracha, lápis de cor e canetinhas.

### Onde fazer:

Na sala de aula, mas os trabalhos podem ser repetidos em casa e feitos na área externa ou em outro ambiente da escola.

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta atividade é levar os estudantes a refletir sobre a importância e a diversidade do olhar, mais do que sobre os traços dos desenhos.

## DESENVOLVIMENTO

Esta prática contém uma dinâmica em que ação e observação acabam tendo a mesma importância. Cada um dos estudantes será retratado por dois colegas, e os resultados serão registrados no próprio livro. Esteja atento para que o desenho feito antes fique tampado quando o segundo estudante fizer o retrato da mesma pessoa. Isso evitará uma estereotipia do retrato a partir do que já foi desenhado, colocando a observação como ponto principal. Há, claro, a ação reversa: cada um retratará também dois colegas distintos. Esteja atento para que não haja nenhum tipo de *bullying* ou brincadeira de mau gosto com qualquer característica física ou emocional. Lembre a eles tudo o que aprenderam sobre representar um rosto e as características de uma pessoa e aquilo que podem usar nesta atividade.

## ENCERRAMENTO

Depois da atividade, sente-se em roda com eles para comentar as duas experiências: Como foi retratar pessoas diferentes? Como foi observar as diferenças nas duas representações feitas no livro? Atenção: ainda que o aprendizado seja diretamente ligado ao desenho, o exercício é também do olhar.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

**Tema:** Retrato.

**Objetivo:** Criar um retrato fazendo colagem de papéis coloridos; fruir diferentes traços e linhas compartilhando os desenhos desde o processo de criação.

**Material:**

- papel colorido, revistas ou jornais velhos, tesoura e cola.

**Onde fazer:** Na sala de aula, mas os trabalhos podem ser repetidos em casa e feitos na área externa ou em outro ambiente da escola.

### INTRODUÇÃO

Com esta atividade, encerramos a investigação do retrato e a experimentação em relação a ele. À medida que os estudantes trabalham, vá recuperando o aprendizado das práticas aqui encadeadas de maneira a aprofundar esta investigação específica da linguagem das artes visuais.

### DESENVOLVIMENTO

Especificamente para esta prática, dê os parâmetros para a criação de linhas feitas com lápis, canetas ou equivalente; a atividade consiste na criação usando as massas de cor proporcionadas pelo papel. Isso é muito importante para trabalhar uma característica bem específica, estimulada aqui: a compreensão da construção bidimensional, que envolve áreas de cor, relação entre as formas e composição. É comum as linhas se tornarem simplificações e sínteses simbólicas e formais. Se as suprimimos, os estudantes precisarão pensar na composição – ou seja, o modo pelo qual tudo se organiza dentro da imagem – de forma mais aprofundada. Procure também evitar o fundo branco compulsório, outra prática muito comum e às vezes replicada mesmo sem percebermos.

Eles podem escolher papéis coloridos ou estampados como base para a composição, deixando assim todas as áreas preenchidas de cor.

Incentive os estudantes no sentido de desenvolverem uma atividade bem livre e caprichada, lembrando que o capricho está na dedicação. Os resultados são um índice importante, mas enfatize o processo, etapa em que se encontra o maior aprendizado.

### ENCERRAMENTO

Depois de tudo feito, é hora de estimular os estudantes a circular entre as mesas para observar todos os trabalhos realizados. Ver as soluções dos colegas muitas vezes é, em si, um ótimo aprendizado plástico. Após todos virem tudo, peça que se sentem e comentem suas dificuldades, descobertas e aprendizados nesse processo tão distinto dos outros de criar um retrato. Aproveite para retomar toda a sequência de práticas cuja base foi o retrato e faça uma avaliação coletiva do processo como um todo.

## UNIDADE 3

### PLANO DE AULA: BRINCADEIRAS E DANÇAS POPULARES

**Duração:** 2 aulas.

**Habilidades trabalhadas:**

- EF15AR08
- EF15AR10
- EF15AR24
- EF15AR25

**Componentes essenciais de alfabetização da PNA:**

- Literacia emergente.
- Fluência em leitura oral: leitura em voz alta.
- Produção de escrita.
- Formas geométricas.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Tema:** Brincadeiras de roda.

**Objetivo:** Conhecer e explorar rodas de brincadeiras que acontecem no Brasil e na África.

**Material:**

- lenço e pedras pequenos;
- calçados dos estudantes.

**Onde fazer:** Espaço aberto.

### INTRODUÇÃO

Seguem algumas dicas para formar a roda com a turma dessa faixa etária. Quando fizer uma roda com os estudantes sentados e de pernas cruzadas, “dê voz” às partes do corpo: as costas não querem ser vistas, os olhos querem ver os olhos de todo mundo que está na roda e os joelhos querem cumprimentar os joelhos dos vizinhos (o joelho direito toca no joelho esquerdo de quem está à direita, e o joelho esquerdo toca o direito de quem está à esquerda). Assim como observaram na primeira imagem do livro (na qual, com as pernas esticadas, os dedinhos dos pés das pessoas estavam próximos uns dos outros), quando as pernas estão dobradas são os joelhos que ficam bem ao lado dos vizinhos. Caso um joelho esteja à frente do joelho do vizinho (cutia ou todos), ou atrás (fora da roda), o estudante mostrará suas costas a alguém e não verá os olhos de todos, logo, não colaborará com a roda. Como a roda é de todos, cada um tem a mesma importância e responsabilidade nela.

### DESENVOLVIMENTO

No Brasil há quem deixe a parte do pega-pega da brincadeira de “corre, cutia” acontecer com muitas voltas. No entanto, é comum ocorrerem situações de nítida vantagem/desvantagem entre os estudantes. Quando acontece, esse fato pode deixar o jogo entediante para aqueles que nunca são escolhidos e ficam assistindo a dois corredores exibirem suas

habilidades “brincando sozinhos” ou mesmo para aqueles que são “presas fáceis”.

A versão africana do “corre, cutia” chama-se dade megbee, que significa “coloque atrás”. Os estudantes não se sentam no chão, mas ficam agachados com os joelhos no chão e sentados sobre os pés, a fim de terem maior agilidade para se levantar. Quem está com a pedra na mão corre abaixado, com o tronco perto das pernas, para dificultar a visualização de onde deixará a pedra. Assim que coloca a pedra atrás de alguém, ele dá mais uma volta completa, ainda agachado, e toca nas costas de quem está com a pedra atrás. O estudante da roda deverá pegar a pedra o mais rápido possível e correr no sentido oposto de quem já estava correndo. Eles se cruzam no meio da trajetória circular e precisam de muita agilidade e atenção para não trombarem, o que seria uma desvantagem para ambos. Os estudantes dão apenas uma volta até um dos dois ocupar primeiro o espaço da roda. O canto e as palmas não param. Essa versão tem uma dinâmica mais acelerada que o “corre, cutia”, que é mais melodioso e cadenciado pela influência das danças de lenço de origem portuguesa. Mas, assim como aqui, a brincadeira africana só termina quando todos tiverem participado dela. Ela trabalha o condicionamento físico, a agilidade, a atenção, o ritmo e, principalmente, a socialização.

Para a brincadeira “escravos de Jó”, a pedra pode ser substituída pelo calçado dos próprios estudantes. Mas antes avise que, após a atividade, todos devem lavar as mãos. Use o pé direito para rodar a brincadeira para a direita, enquanto o calçado esquerdo “aguarda” sua vez do lado de fora da roda, nas costas de seu dono. Pratique repetidas vezes, a princípio sem fazer o movimento do “zigue, zigue, zá” (indo, vindo e soltando), pois nele está embutido uma subdivisão no tempo do ritmo associada ao ato de apreender e soltar o objeto, o que não é fácil para todos. Quando todo o grupo conseguir simplesmente girar os objetos para a direita no ritmo da canção, substitua a letra da música por “lá, lá, lá, lá, lá” e depois, juntos, cantem fazendo o som da letra **m** com a boca fechada: *bocca chiusa*, em italiano. A partir daí, o grupo estará pronto para repetir todo o procedimento começando para a

esquerda. Provavelmente os estudantes canhotos ficarão confortáveis com essa prática!

Se possível, acesse o vídeo para ver a brincadeira “dade megbee” acontecendo (disponível em: <https://youtu.be/QCt5I2ilyqQ>; acesso em: 4 jun. 2021). Nele, as crianças cantam em evé, uma das línguas cuás falada por cerca de três milhões de pessoas, principalmente em Gana, Togo e Benim. Tanto a língua quanto os escrivizados que a falavam são tradicionalmente conhecidos no Brasil pelos nomes de jeje, gegê ou, ainda, jeje-nagô.

## ENCERRAMENTO

Desenvolva o hábito de conversar com os estudantes sobre as conquistas deles como grupo nas atividades de roda. Brinque com eles.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

**Tema:** As diferenças nas manifestações.

**Objetivo:** Conhecer e explorar danças populares que acontecem no Brasil e na África.

**Material:**

- lápis grafite e de cor.

**Onde fazer:** Sala de aula.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

## DESENVOLVIMENTO

As brincadeiras de roda também são jogos de concentração. O movimento de girar em torno de um centro comum ou em torno do próprio eixo foi apresentado no plano de aula anterior para focar questões sobre controle, equilíbrio e espaço. O objetivo do cortejo é a reverência às memórias e representações dos tempos das cortes imperiais. Conforme mencionado, pergunte aos estudantes se conhecem cortejos como as congadas ou maracatus. Na sua comunidade há algum traço forte de manifestação popular? É parecida ou diferente das manifestações estudadas aqui, ou seja, acontece em roda ou é um desfile? Comente esses fatos com os estudantes e chame a atenção para o lugar

onde ocorrem e seus símbolos. Essa é uma das formas de valorização da cultura local.

## PLANO DE AULA: SÍMBOLOS DO MARACATU

**Duração:** 4 aulas.

**Habilidades trabalhadas:**

- EF15AR08
- EF15AR10
- EF15AR24
- EF15AR25

**Componentes essenciais de alfabetização da PNA:**

- Literacia emergente.
- Movimento.
- Formas geométricas.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Tema:** Cortejos e desfiles.

**Objetivo:** Fazer um miniestandarte.

**Material:**

- cartolina ou papel-cartão;
- palito de sorvete ou de churrasco;
- cola branca;
- tesoura;
- canetinhas;
- fitas coloridas ou tiras de papel cortadas como franja.

**Onde fazer:** Sala de aula.

## INTRODUÇÃO

Para começar, peça aos estudantes que observem com atenção os adornos do standarte da foto. Ele é feito para homenagear e representar o grupo e ganha movimento quando carregado, andando com o cortejo.

## DESENVOLVIMENTO

Nessa prática, os estudantes confeccionarão um miniestandarte. Disponibilize os materiais e

incentive-os a criar. É possível que, antes de iniciar, alguns o planejem e outros descubram como fazê-lo ao longo do processo criativo. Permita que se expressem livremente.

Geralmente o palito é a haste em que se cola um pedaço de papel ornado. No entanto, se for possível o acesso a materiais como gravetos, folhas, palha e pétalas, outros tipos de estandarte podem surgir. Além do trabalho com linhas, cores e formas, o foco principal dessa prática é a distribuição espacial dos elementos no papel, o que se relaciona com o conceito de formação em dança. Durante a atividade, toque loas de maracatu.

## ENCERRAMENTO

O assunto da aula diz respeito à realidade dos estudantes? Como conectar e aproximar os contextos para contribuir com a elaboração de um símbolo, um emblema? Observe se a atividade manteve os estudantes envolvidos.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

**Tema:** Cortejos e desfiles.

**Objetivo:** Montar traje para dançar em um cortejo.

**Material:**

- papel colorido e fitas;
- roupas coloridas e rodadas;
- colares, brincos, flores;
- toalhas, fraldas;
- chapéu de palha.

**Onde fazer:** Sala de aula.

## INTRODUÇÃO

Os trajes são elementos fundamentais nas manifestações culturais, pois conferem materialidade às manifestações imateriais.

## DESENVOLVIMENTO

Com antecedência de uma semana, peça aos estudantes que tragam roupas coloridas e verifique se eventualmente elas podem ser

adornadas com tiras de papel celofane, fitas, penas ou outros materiais disponíveis na escola. As meninas podem usar colares, brincos, flores no cabelo e saias rodadas. Se a escola tiver recursos, vale investir na confecção de saias de chita com elástico na cintura. Esse material está para as danças populares como a bola está para os esportes. Toalhas ou fraldas finas de tecido podem ser turbantes. Os músicos podem usar chapéu de palha. Veja quais estudantes gostariam de se candidatar para representar o rei e a rainha, lembrando também que há príncipes e princesas. Você pode fazer um sorteio ou promover uma eleição para que a turma escolha quem fará o papel da realeza.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

**Tema:** Cortejos e desfiles.

**Objetivo:** Fazer releitura de toada de maracatu.

**Material:**

- lápis;
- um apito.

**Onde fazer:** Sala de aula.

## INTRODUÇÃO

Na toada, primeiro só se ouve a voz de uma pessoa e, depois, a voz do coro, que não precisa gritar para soar mais alto. Trabalhar a relação musical entre o mestre e o coro é similar ao trabalho coletivo da roda, em que todos são igualmente importantes e responsáveis pelo grupo. Nos paralelos gramáticos, o mestre é o singular e o coro é o plural, mas um está contido no outro. O grupo respeita o mestre não porque ele impõe medo mas porque organiza o grupo, e é igual aos demais componentes.

## DESENVOLVIMENTO

Aproveite o refrão para estimular a criatividade dos estudantes: eles podem criar uma paródia com hábitos culturais locais, com os referenciais de sua comunidade, cidade, estado,

ou até com ideias engraçadas que combinem com o refrão.

A atividade de compor a nova toada pode levar alguns minutos. Afinal, é preciso buscar palavras que façam sentido e sejam parecidas. As palavras podem ser acrescentadas ou substituídas. Descubra se a turma trabalha melhor individualmente ou em grupos. A troca de ideias entre os estudantes nesse tipo de processo criativo tende a ser rica e estimulante.

## ENCERRAMENTO

Quando os estudantes terminarem, peça que leiam em voz alta suas sugestões. Escreva todas no quadro ou crie uma maneira de compartilhar os textos de acordo com as dinâmicas com as quais a turma está acostumada. A seguir, promova uma votação para decidir qual será a letra da toada da escola. Caso surjam palavras inapropriadas, converse sobre elas e os propósitos de cuidar e reverenciar o espaço e os temas coletivos. Juntos, escutem a referência e cantem em cima dela. Depois, com um apito, experimente repetir quantas vezes for necessário para que todos decorem a letra. Fazer isso de pé costuma ser melhor do que sentado.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

### MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

**Tema:** Cortejos e desfiles.

**Objetivo:** Criar uma dança de maracatu.

#### **Material:**

- fantasias feitas na aula anterior.

**Onde fazer:** Escola e/ou quarteirão da escola.

## INTRODUÇÃO

Prepare o espaço da sala de aula para aquecer o corpo e experimentar criar danças do maracatu. Repita o procedimento de organizar o espaço para dançar afastando mesas e cadeiras com a ajuda da turma, conforme proposto em outras atividades.

## DESENVOLVIMENTO

Faça um aquecimento movendo a cabeça de um lado para outro (como se dissesse “não”), para cima e para baixo (como se dissesse “sim”), aproximando a orelha de um ombro do mesmo lado do corpo e depois do outro e, por fim, em círculo, começando pela frente, passando pelo lado e finalizando por trás.

Olhando para a frente, suba os ombros como se quisessem tocar as orelhas, em seguida solte-os deixando-os cair (como se dissesse “tô nem aí”). Para tronco e coluna, mantenha os pés fixos no chão e, em movimentos alternados de um lado para outro, olhe o que está atrás de você. Os braços devem ficar soltos e pesados, como os braços dos grandes bonecos de Olinda.

Com a mão direita, aperte o punho esquerdo algumas vezes. Depois, com a palma da mão, percute no cotovelo esquerdo. Com as pontas dos dedos percute na parte mais proeminente do osso do ombro. Repita tudo do outro lado do corpo. Flexionando e estendendo os joelhos, chacoalhe-os para cima e para baixo como se tivesse molas neles. Sem sair do lugar, vá da pequena vibração até saltar tirando os pés do chão.

Com o corpo aquecido, explore movimentos como se houvesse tinta nos cotovelos e eles pintassem o espaço ao redor. Experimente movimentos com braços, punhos e mãos como se abraçasse o ar ou estivesse se banhando, trazendo para perto coisas boas e, depois, ao contrário, como se empurrasse o ar e afastasse o que está no caminho.

Com esse repertório, cada estudante criará sua dança brincante. É importante você reproduzir os movimentos no próprio corpo enquanto dá as orientações verbais, que afinam a consciência corporal com as palavras.

Sobre os personagens, vimos no Livro do Estudante que no maracatu rural há os caboclos de lança e de pena. Caso tenham se aprofundado neles e queiram inseri-los no cortejo, eles deverão vir à frente. Na tradição popular, as lanças de madeira vêm abrindo espaço entre a multidão, pois originalmente eram usadas para afastar os pés de cana-de-açúcar do caminho.



Existem outros personagens e funções que não foram abordados no livro, como os lanterneiros, que iluminam o caminho do cortejo, ou o vassalo, que carrega o pálio (guarda-sol adornado para proteger o rei e a rainha), entre outros. Mesmo que os personagens não sejam definidos, o importante é que os estudantes se sintam como príncipes, princesas e baianas dançarinas para brincar, cantar e dançar.

## ENCERRAMENTO

O último item a ser afinado é o caminho do cortejo. Com a turma, defina onde serão o início, o meio e o fim dele. A versão modesta do cortejo vai da sala de aula até a quadra de esportes, a versão média dá uma volta dentro da escola e a versão maior é andar pelo quarteirão da escola. Independentemente da extensão, estude antes o caminho para decidir se haverá paradas ou se o cortejo seguirá contínuo até formar uma roda no final para todos brincarem livremente.

# UNIDADE 4

## PLANO DE AULA: OS INSTRUMENTOS MUSICAIS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Duração: 2 aulas

Habilidade trabalhada:

- EF15AR14

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Literacia emergente.
- Consciência fonológica.
- Noções espaciais.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Tema:** Famílias de instrumentos musicais.

**Objetivo:** Fazer uma revisão dos diferentes tipos de instrumento e a classificação em três grandes famílias: percussão, sopro e cordas.

### Material:

- Não há material necessário.

**Onde fazer:** Sala de aula.

## INTRODUÇÃO

Existem muitas maneiras de classificação dos instrumentos: de acordo com o material de que são feitos; pelas características do som que emitem; pelo tamanho; pela época em que foram inventados; pela fonte vibratória que emite o som, entre muitos outros modos.

## DESENVOLVIMENTO

Nesta atividade iremos ver a classificação mais genérica dos instrumentos musicais, que os divide pelo modo como produzem o som: percussão, cordas e sopro.

Os instrumentos de percussão precisam ser percutidos (batidos, raspados, chacoalhados etc.) para emitir algum som. Por exemplo: tambor, chocalho, reco-reco, pandeiro etc.

Os instrumentos de cordas são aqueles com cordas de diferentes materiais que vibram e emitem som. Por exemplo: violão, harpa, cavaquinho, contrabaixo, violino, ukulele etc. Estes são exemplos de instrumentos de cordas dedilhadas, já o berimbau e o piano são instrumentos de cordas percutidas.

Por fim, os instrumentos de sopro são aqueles que produzem som quando o ar passa por dentro deles ao soprarmos, como flauta, trompete, gaita, saxofone etc. Converse com os estudantes sobre essa classificação e peça que citem alguns nomes para exemplificar cada família.

## ENCERRAMENTO

Depois de lembrados alguns exemplos de cada família, vá até a página 31 do encarte. Nela os estudantes encontrarão ilustrações de instrumentos dessas três famílias. Peça que os recortem e cole no grupo da família correspondente.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

**Tema:** Instrumentos de percussão.

**Objetivo:** Reforçar algumas características dos instrumentos de percussão e como devem ser percutidos.

**Material:**

- Não há material necessário.

**Onde fazer:** Sala de aula.

### INTRODUÇÃO

É difícil dizer com precisão quando e como os instrumentos musicais foram criados, mas é muito provável que foram surgindo conforme o ser humano passou a manipular diferentes materiais e perceber que poderiam emitir sons.

Os instrumentos de percussão estão entre os mais primitivos, mas são muito usados e difundidos até os dias de hoje, em diversas culturas pelo mundo.

### DESENVOLVIMENTO

Converse com os estudantes sobre os instrumentos de percussão: Quais eles conhecem? Já viram alguém tocando algum? Em que situação?

Explique que existem diferentes modos de se percutir um objeto. Por exemplo, chacoalhando, raspando o objeto. A percussão pode ser feita com as mãos ou com a ajuda de alguma baqueta ou outro objeto, e os sons variam de acordo com o tipo de material que está percutindo o instrumento. Vocês podem fazer um teste rápido com objetos que estiverem à mão, como um lápis, uma caneta ou régua percutindo uma mesa, para analisarem se ocorre alguma diferença no som produzido.

### ENCERRAMENTO

Na atividade, os estudantes diferenciam alguns tipos de instrumentos de percussão de acordo com os materiais de que são feitos e veem imagens de tipos de tambores, chocalhos

e reco-recos. Eles devem fazer a ligação entre a imagem do instrumento e o modo que deve ser percutido para produzir som.

## PLANO DE AULA: QUALIDADES DO SOM

**Duração:** 4 aulas.

**Habilidade trabalhada:**

- EF15AR14

**Componentes essenciais de alfabetização da PNA:**

- Consciência fonológica.
- Produção de escrita.
- Amplitude sonora.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Tema:** Qualidades do som.

**Objetivo:** Explorar os instrumentos e objetos sonoros de percussão trabalhando as qualidades do som por meio de diferentes atividades.

**Material:**

- objetos sonoros existentes na sala de aula ou instrumentos musicais trazidos de casa (pelo professor e/ou pelos estudantes);
- pano ou lenço para vendar os olhos.

**Onde fazer:** Idealmente em um local silencioso no qual seja possível se sentar em roda, no chão. Pode ser a sala de aula se houver a possibilidade de afastar mesas e cadeiras.

### INTRODUÇÃO

A proposta é usar objetos e/ou instrumentos musicais para, ao analisar seus sons, aprofundar o conhecimento acerca das qualidades do som, o que, em uma linguagem mais técnica, chamamos de parâmetros do som.

### DESENVOLVIMENTO

Primeiro, na atividade 1, observe com os estudantes as imagens dos instrumentos e pergunte

o nome deles. Em seguida, peça que completem o nome dos instrumentos com as letras que faltam.

Para a atividade 2, é preciso um instrumento musical ou objeto sonoro para cada estudante. Você pode pedir que tragam algum objeto sonoro de casa ou você mesmo pode providenciar alguns em sua casa. Você pode, ainda, com a turma, procurar pela sala objetos a serem utilizados. Em último caso, os sons do corpo também podem ser usados, mas dê preferência aos instrumentos e objetos. É importante que cada um tenha o seu e que haja uma variedade de instrumentos e objetos sonoros para que haja diversidade nos sons.

Forme uma roda no chão para que todos possam ver os instrumentos uns dos outros e o som chegue da mesma forma para todos. Faça com eles uma rodada em que cada um irá explorar as possibilidades sonoras de seu instrumento/objeto. Peça que fiquem bem atentos aos timbres de cada instrumento. Pelo timbre conseguimos reconhecer se o som está vindo de um objeto de metal, de plástico ou de outro material.

Depois de escutarem todos os sons, começará um jogo de escuta que funciona como o conhecido “gato mia”. O “gato mia” é um jogo de reconhecimento auditivo em que uma pessoa está de olhos vendados e precisa pegar um dos demais. A pessoa que foi pega deve fazer um miado e o pegador deve tentar adivinhar, pelo timbre da voz do colega, quem miou. É um jogo interessante para introduzir o assunto “timbre”: a voz é um ótimo exemplo de variação de timbres.

Os estudantes ficam sentados em roda. Um dos estudantes será vendado (ou fechará os olhos, caso não haja uma venda) e você indicará outro estudante para fazer o som. O estudante vendado deverá escutar e tentar descobrir de qual instrumento/objeto veio o som. É recomendável que todos os estudantes passem pela experiência de ficar vendados e tentar reconhecer o som.

## ENCERRAMENTO

Você pode, ainda, pedir aos estudantes que troquem de lugar na roda, de tempos em tempos, quando substituir o estudante vendado (sem que ele veja a troca de lugar), pois isso aumentará o grau de dificuldade da brincadeira.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

**Tema:** Intensidade.

**Objetivo:** Reconhecer a intensidade do som.

**Material:**

- um instrumento musical ou objeto sonoro por estudante.

**Onde fazer:** Sala de aula.

## INTRODUÇÃO

Outro parâmetro do som é a intensidade. Ela é a propriedade do som que indica o volume dele e provoca a sensação de som mais forte ou mais fraco. Todo som é produzido pela vibração de algum material, e essa vibração forma ondas sonoras. As ondas podem ter amplitudes diferentes: quanto mais baixa a amplitude da onda, mais fraco o som, e vice-versa.

## DESENVOLVIMENTO

A intensidade dos sons dos instrumentos também está diretamente ligada à força com que produzimos o som, ou seja, se tocarmos um tambor com força, produziremos um som forte; se tocarmos suavemente, o som será mais suave. Mas alguns instrumentos não precisam de força para produzir um som forte: o próprio formato ou material de que são feitos já fazem com que emitam um som forte.

Para investigarmos a intensidade dos instrumentos/objetos sonoros, primeiro vamos organizá-los numa sequência, partindo dos sons mais suaves até chegar aos mais fortes. Assim, os estudantes poderão verificar esse aspecto em todos os instrumentos. Tente observar com os estudantes as características dos materiais produtores dos sons mais suaves e dos mais fortes. Encontraram alguma relação? Percebem se algum tipo de material produz som mais forte? O que mais vocês podem analisar? Depois dessa investigação, faremos um jogo de improvisação para trabalhar a intensidade dos sons.

Cada um terá seu instrumento e um estudante será o maestro. Por meio de alguns gestos das mãos, ele conduzirá a intensidade com que os outros tocarão: o gesto mais comum é subir as mãos para que o som fique mais forte e descer para que fique suave. Fica a critério do maestro escolher os gestos, mas ele deve combiná-los com o restante da turma. Ele pode também organizar a turma em grupos menores para explorar as intensidades: um grupo toca mais suavemente enquanto outro toca mais forte. O maestro pode, ainda, parar todo mundo e pedir que apenas alguns toquem, mas sempre indicando a intensidade com que quer escutar determinado som. É recomendável que vários estudantes experimentem a posição de maestro.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

**Tema:** Altura.

**Objetivo:** Reconhecer a altura do som.

**Material:**

- um instrumento musical ou objeto sonoro por estudante;
- elástico de borracha;
- copo de iogurte ou caixa de papelão.

**Onde fazer:** Sala de aula.

### MATERIAL DE DIVULGAÇÃO INTRODUÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Além da amplitude, as ondas sonoras têm uma frequência, ou seja, um número de ciclos realizados em um segundo. Se essa frequência for alta, o som que escutamos será um som agudo; se for baixa, escutamos um som grave. Essa propriedade do som é chamada de **altura**. Muitas vezes a altura se confunde com a intensidade, pois parece que estamos falando do volume do som.

## DESENVOLVIMENTO

Um experimento interessante para demonstrar mais concretamente essa variação de frequência é esticar um elástico de borracha em volta de um copinho de plástico ou caixinha de

papelão e tocar como se fosse uma corda de um violão. Quando o elástico está bem esticado, quase não percebemos que ele está se movimentando, pois o movimento é muito rápido. Nesse caso, a frequência é muito alta, e o som que escutamos, agudo. Quando não esticamos tanto o elástico e o tocamos, percebemos o movimento bem mais lento e visível e, como a frequência é baixa, escutamos o som mais grave.

Faça esse experimento com os estudantes para que possam visualizar essa variação de frequência e explique-lhes que todos os sons que escutamos também são produzidos por ondas como essas, observadas no elástico, mas que, na maioria das vezes, não conseguimos vê-las.

Para observar a diferença de altura entre os instrumentos/objetos que os estudantes estão usando nas aulas, vamos organizá-los numa sequência que parta do som mais grave até chegar ao mais agudo.

Os instrumentos maiores costumam ter sons mais graves do que os menores. Veja se há essa característica na sequência de vocês. Observe com a turma que existem sons que estão entre o mais grave e o mais agudo, podendo ser médio-graves ou médio-agudos. Tente identificá-los para que a sequência se estabeleça num crescente. Depois, organize-os em apenas dois grupos – agudos e graves – e posicione-os sentados, um de costas para o outro.

Proponha um jogo em que uma pessoa de cada grupo levantará, ficando uma de frente para a outra, de costas para o seu grupo. Pelo olhar ou através de gestos, eles decidirão quando cada um tocará. Um de cada vez (dessa dupla) fará um som com seu instrumento. Se for o do grupo dos agudos, todos do mesmo grupo tocarão. Eles devem revezar: uma hora toca o agudo, outra hora o grave.

## ENCERRAMENTO

É importante alertá-los para que não fiquem sempre alternando grave, agudo, grave, agudo. Eles podem repetir algumas vezes um, depois alterná-los. Cada dupla pode fazer algumas combinações e, depois, deve ser substituída por outra, também formada por uma pessoa de cada grupo.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

**Tema:** Duração.

**Objetivo:** Reconhecer a duração do som.

**Material:**

- um instrumento musical ou objeto sonoro por estudante.

**Onde fazer:** Sala de aula.

### INTRODUÇÃO

Por último, falaremos do parâmetro do som que diz respeito a seu prolongamento: a duração. Ela depende do tempo que duram as vibrações que um instrumento/objeto produz e, assim, podemos escutar um som curto ou um longo.

### DESENVOLVIMENTO

Inicie uma conversa com os estudantes mostrando alguns exemplos de sons do cotidiano que são curtos, médios ou longos. Depois, faça novamente uma rodada em que cada um toca seu instrumento/objeto atentando para a duração de cada som. Observe com eles se são sons mais curtos ou mais longos. Reúna as informações que eles já têm a respeito de seus instrumentos, vistas nas atividades anteriores, e some a elas a

para fazerem uma reflexão completa a respeito de cada som. Por exemplo, um chocalho. Na classificação que fizeram na atividade, ele estava entre os sons mais suaves ou fortes? E entre os agudos e graves? E agora, está entre os sons curtos ou longos? Assim chegamos à conclusão de que, entre aqueles sons que escutamos, o chocalho tem um som suave, agudo e curto.

Lembre aos estudantes que muitas dessas características podem mudar caso haja outro som com o qual comparar. O som de um boi mugindo é um som grave se o compararmos ao som de um galo, mas se o compararmos ao som de um trovão, ele será mais agudo.

Agora que passamos por todas essas qualidades do som, faremos música com eles. Faremos novamente uma improvisação com um maestro, mas dessa vez o maestro poderá criar outras possibilidades de regência, aproveitando as características dos sons que conheceu anteriormente. Por meio de gestos, um estudante poderá indicar aos demais a hora de tocar e de parar, a intensidade dos sons, o **andamento** da música (se quer que ela fique mais lenta ou mais rápida), além de selecionar sons agudos e graves para tocar em momentos diferentes, pedir que façam sons curtos ou longos e qualquer outra coisa que desejar. O mais importante é definir os gestos antes.

Se possível, alterne o maestro, pois é muito interessante que os estudantes desempenhem este papel.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

A BNCC é o documento do Ministério da Educação que define as aprendizagens, competências e habilidades que todos os estudantes do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno\\_pna\\_final.pdf](http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf). Acesso em: 20 abr. 2021.

Institui a Política Nacional de Alfabetização, cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional.

BRIKMAN, Lola. *A linguagem do movimento corporal*. São Paulo: Summus, 1989.

A autora descreve a importância do autoconhecimento para expandir a percepção dos aspectos físicos e psíquicos do corpo e suas interações.

CHIOVATO, Milene. O professor mediador. *Canal do Educador*, [s. l.], [2012]. Disponível em: [http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador\\_O-Professor-Mediador.pdf](http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_O-Professor-Mediador.pdf). Acesso em: 26 mar. 2021.

O texto indica caminhos para a prática docente em artes ao abordar diversos papéis assumidos pelo professor e sua atuação cotidiana.

COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea*. São Paulo: Editora do Brasil, 2011.

O autor aborda o receio em apreciar a arte contemporânea e se expressar em relação a ela, ressaltando o quanto a necessidade de entender tudo rapidamente acaba atrapalhando o percurso de sentir uma obra e perceber as reações que podemos ter em relação a ela.

LEENHARDT, Pierre. *A criança e a expressão dramática*. Lisboa: Estampa, 1974.

Nesse livro, o autor fala das inúmeras possibilidades de atividades com crianças no que diz respeito à expressão dramática.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

Várias situações são propostas ao leitor para que construa sua percepção acerca da mediação cultural.

MÖDINGERR, Roberto et al. *Práticas pedagógicas em artes: espaço, tempo e corporeidade*. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

Sugestões de trabalho a partir das quatro linguagens da arte, com o objetivo de propiciar oportunidades de produzir, apreciar, contextualizar e compreendê-la como construção social e cultural. **PROVOCAÇÕES 497 com Antônio Nóbrega – bloco 1**. [São Paulo]: TV Cultura, c2019. 1 vídeo (ca. 10 min). Disponível em: [https://tvcultura.com.br/videos/7018\\_provocacoes-497-com-antonio-nobrega-bloco-01.html](https://tvcultura.com.br/videos/7018_provocacoes-497-com-antonio-nobrega-bloco-01.html). Acesso em: 13 abril. 2021.

Antônio Nóbrega aborda as três culturas responsáveis pela formação brasileira.

REVERBEL, Olga. *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*. São Paulo: Scipione, 2002.

A autora apresenta diversos exercícios e jogos teatrais que podem ser trabalhados na escola, não apenas por professores especialistas em teatro.

RIBEIRO, Maristela Maria. *Grafismo indígena: influência grafismo corporal*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5570/1/2012\\_MaristelaMariaRibeiro.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5570/1/2012_MaristelaMariaRibeiro.pdf). Acesso em: 13 abril 2021.

O trabalho enfoca o grafismo corporal na pintura buscando a valorização da arte indígena.

RICO, Rosi. *Conheça e entenda as competências gerais da BNCC*. Nova Escola, São Paulo, c2021. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/1/conheca-e-entenda-as-competencias-gerais-da-bncc>. Acesso em: 12 maio 2021.

O texto traz explicações sobre a BNCC e as competências gerais.

SANT'ANNA, Renata. *Saber e ensinar Arte Contemporânea*. São Paulo: Panda Books, 2014.

A autora traz conteúdos que dialogam com a prática do ensino de Arte Contemporânea.

SLADE, Peter. *O jogo dramático infantil*. São Paulo: Summus, 1987.

Nesse livro, o autor faz um paralelo entre a forma pela qual a criança representa espontaneamente a arte na brincadeira e no teatro.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

A autora esclarece que o jogo pode ter extraordinária função pedagógica.

# BEM-ME-QUER

mais

## ARTE

### LIVRO de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

#### **Maria Helena Webster (Coordenação)**

Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)  
Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Coordenadora de livros didáticos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio  
Formadora de coordenadores e professores em Arte  
Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil  
Idealizadora e autora de conteúdo de site de Educação Infantil

#### **Dafne Sense Michellepis**

Formada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Alra América  
Certificada pelo San Francisco International Orff Course (SFORFF)  
Artista de dança, pesquisadora e arte-educadora  
Professora especialista de dança no ensino formal  
Mediadora em cursos de extensão sobre corpo e movimento na educação

#### **Mairah Rocha**

Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (FASM)  
Cantora e percussionista corporal  
Educadora musical  
Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música  
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil  
Professora especialista de Música na Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais no ensino formal  
Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos em oficinas livres

#### **Maucha Rocha Barros**

Formada em Comunicação das Artes do Corpo – habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)  
Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo  
Coordenadora de escola de música e teatro em São Paulo  
Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música  
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil  
Colaboradora de livros didáticos na área de Arte para o Ensino Fundamental  
Professora especialista de Teatro em cursos livres e Música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais

#### **Stella Ramos**

Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
Pesquisadora, formadora, mediadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte/Cultura  
Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais  
Autora e coautora de ações artísticas que mesclam poesia e artes visuais  
Pesquisadora e arte-educadora em Artes Visuais  
Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio  
Autora de disciplina sobre artes híbridas e escola contemporânea em curso de formação a distância para professores de Arte



**Ensino Fundamental  
Anos Iniciais  
Arte**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

1ª edição  
São Paulo, 2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Bem-me-quer mais : arte, 2º ano : livro de práticas e acompanhamento da aprendizagem / Dafne Sense Michellepis...[et al.]; Maria Helena Webster (coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2021. -- (Bem-me-quer mais arte)

Outros autores: Mairah Rocha, Maucha Rocha Barros, Stella Ramos

ISBN 978-65-5817-805-7

1. Arte (Ensino fundamental) I. Michellepis, Dafne Sense. II. Rocha, Mairah. III. Barros, Maucha Rocha. IV. Ramos, Stella. V. Webster, Maria Helena. VI. Série

21-69842

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© Editora do Brasil S.A., 2021  
Todos os direitos reservados

**Direção-geral:** Vicente Tortamano Avanso

**Diretoria editorial:** Felipe Ramos Poletti

**Gerência editorial de conteúdo didático:** Erika Caldin

**Gerência editorial de produção e design:** Ulisses Pires

**Supervisão de artes:** Andrea Melo

**Supervisão de editoração:** Abdonildo José de Lima Santos

**Supervisão de revisão:** Elaine Silva

**Supervisão de iconografia:** Léo Burgos

**Supervisão de digital:** Priscila Hernandez

**Supervisão de controle de processos editoriais:** Roseli Said

**Supervisão de direitos autorais:** Marilisa Bertolone Mendes

**Supervisão editorial:** Gabriela Hengles

**Edição:** Ana Okada e Mariana Tomadossi

**Assistência editorial:** Felipe Adão e Marcelo Nardeli

**Revisão:** Amaral, André, André Luiz, André Luiz Sanchez, Flávia Gonçalves, Gabriel Ornelas, Mariana Paixão, Jonathan Busato, Martin Gonçalves

**Pesquisa iconográfica:** Daniel Andrade e Marcia Sato

**Design gráfico:** Estúdio Chaleira - Cristiane Viana

**Capa:** Caronte Design e Patricia Lino

**Edição de arte:** Aline Maria, Gisele Oliveira, Patricia Lino e Talita Lima

**Assistência de arte:** Leticia Santos

**Ilustrações:** Fabiano Moura

**Editoração eletrônica:** Studio Layout Ltda.

**Licenciamentos de textos:** Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier, Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini

**Controle de processos editoriais:** Bruna Alves, Rita Poliane, Terezinha de Fátima Oliveira e Valeria Alves

1ª edição, 2021



Rua Conselheiro Nébias, 887  
São Paulo/SP – CEP 01203-001  
Fone: +55 11 3226-0211  
www.editoradobrasil.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.



## OLÁ, TUDO BEM?

As artes propiciam diversas experiências que nos permitem explorar diferentes elementos das linguagens e estabelecer relações entre elas e sua vida.

Agora convidamos você a relembrar suas experiências, fixando conceitos e ampliando conteúdos e possibilidades relacionados aos temas trabalhados.

Este material foi desenvolvido para que você faça muitas atividades práticas, com a “mão na massa”, refletindo sobre o que aprendeu e de que forma se expressou.

Você vai fazer novas descobertas.

Boas práticas!

As autoras

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**



# SUMÁRIO

## UNIDADE 1 • Teatro, a arte do encontro ..... 5

O que vamos explorar? .....	5
<b>Para revisar e reforçar</b> .....	6
Teatro coletivo e elementos da cena! .....	6
<b>Para ampliar</b> .....	8
Brincando de teatro .....	8

## UNIDADE 2 • Arte no dia a dia...11

O que vamos explorar? .....	11
<b>Para revisar e reforçar</b> .....	12
Investigando possibilidades .....	12
<b>Para ampliar</b> .....	14
Ampliar o olhar .....	14

## UNIDADE 3 • Uma roda em movimento ..... 17

O que vamos explorar? .....	17
<b>Para revisar e reforçar</b> .....	18
Brincadeiras e danças populares .....	18
<b>Para ampliar</b> .....	20
Símbolos do maracatu .....	20

## UNIDADE 4 • Sons do nosso lugar que atravessaram o mar ..... 23

O que vamos explorar? .....	23
<b>Para revisar e reforçar</b> .....	24
Os instrumentos musicais .....	24
Instrumentos de percussão .....	25
<b>Para ampliar</b> .....	26
Qualidades do som .....	26

**Referências** .....

**Material complementar** .....

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

# TEATRO, A ARTE DO ENCONTRO

## O QUE VAMOS EXPLORAR?

Teatro é a arte do encontro. Nele nos encontramos com o público, com os demais atores, com os personagens e com nós mesmos. Da mesma forma, a brincadeira nos proporciona muitos encontros também, não é? Já reparou como a brincadeira e o teatro se parecem? Nos dois é possível criar uma nova realidade e vivenciar o faz de conta! Além disso, para realizá-los, é necessário cooperar, escutar e respeitar o outro e trabalhar em conjunto!

Nas próximas páginas, vamos reforçar a importância da coletividade para a realização do teatro e fazer um jogo que ajudará a formar e fortalecer o grupo, preparando-o para as criações teatrais que virão depois!

Também vamos identificar elementos importantes para a criação de uma cena teatral – **quem, onde e o quê!** –, percebendo que esses elementos também estão presentes na brincadeira de “faz de conta” e na vida de vocês. Para isso, vamos fazer um jogo. Para identificar esses elementos, vocês serão convidados a olhar para o cenário de uma brincadeira e identificar os personagens, os lugares e as ações que nela costumam acontecer. Por fim, vamos perceber como essa brincadeira pode se transformar em uma peça teatral, identificando o que modifica quando estamos apenas brincando ou encenando.

A partir das brincadeiras e jogos, que se assemelham muito ao teatro, vamos ampliar nossas atividades criando uma história para ser representada por vocês!

Nesse processo, vocês identificarão as pessoas, os animais e outros seres que aparecem em suas brincadeiras, transformando-os em personagens teatrais com suas características e figurinos. Vocês observarão o ambiente em que a brincadeira acontece para criar cenários e elaborar uma apresentação teatral para uma plateia, experienciando o momento mais esperado no teatro: o encontro entre atores e público!



## PARA REVISAR E REFORÇAR

### TEATRO COLETIVO E ELEMENTOS DA CENA!

O teatro é a arte do coletivo, e precisamos estar em sintonia com a turma para que as cenas funcionem bem. Vamos ver o quanto sua turma está em sintonia para trabalhar em conjunto?

- 1 Imaginem que a sala de aula é um barco! O que acontece se todo mundo estiver de um lado só do barco? Para manter o equilíbrio, vocês precisam se espalhar e não podem ficar parados. Vocês irão caminhar e, sempre que perceberem que algum lugar está vazio, devem ir para lá. É preciso prestar atenção nos colegas e no espaço o tempo todo!



- Concluída a proposta, responda: Vocês conseguiram equilibrar o seu barco? O que foi preciso para que ele não afundasse?

Resposta pessoal.

---

---

---

**2** O teatro se assemelha às brincadeiras e às situações de nossa vida. Nele, precisamos identificar **quem** são os personagens, **o que** acontece na história e **onde** ela se passa. Se você fosse transformar sua vida em uma peça de teatro, quais seriam os principais elementos dessa história? [Respostas pessoais.](#)



**a)** Quem seriam os personagens principais de sua vida?

---

---

**b)** Onde aconteceriam as principais cenas de sua vida?

---

---

**c)** O que costuma acontecer diariamente em sua vida?

---

---

**d)** Quais acontecimentos da sua vida poderiam virar cenas teatrais? Desenhe um dos acontecimentos em que você pensou e como ele seria encenado em uma cena teatral.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL





## PARA AMPLIAR

# BRINCANDO DE TEATRO

## ETAPA 1

O teatro é uma grande brincadeira, é um jogo! A partir de uma brincadeira de faz de conta, vamos fazer uma representação teatral, considerando tudo o que aprendemos.

- 1 Com os colegas, decida a brincadeira. Vocês podem dar ideias e, depois, fazer uma votação para escolher a vencedora. Quais foram os temas sugeridos e quantos votos cada um recebeu? Qual a brincadeira escolhida?



Resposta pessoal.

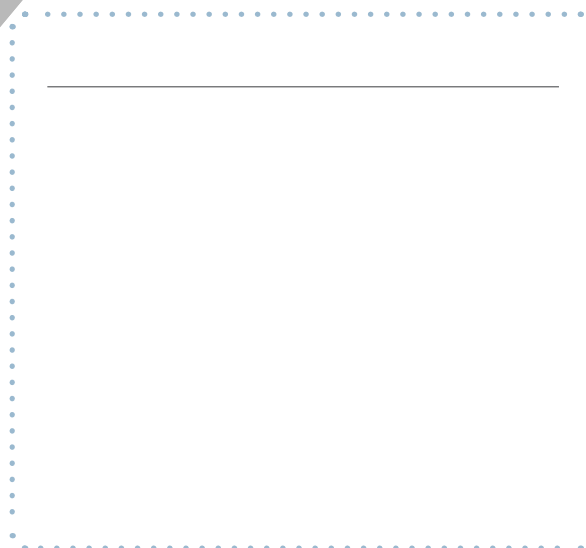
- 2 Após brincar, faça um desenho da brincadeira de vocês numa folha à parte.



## ETAPA 2

Depois de brincar um pouco, identifique os participantes dessa brincadeira, ou seja, os personagens. Cada um deve dar um nome para o personagem que criou e inventar como ele é. Escreva o nome dele e desenhe-o no quadro ao lado. Respostas pessoais.

- Pense nas roupas que ele usa. Você pode trazer de casa uma roupa ou objeto que ajude a contar quem é seu personagem.



**Figurino** são roupas e adereços (óculos, tiara, relógio, bengala, chapéu etc.) usados para caracterizar personagens de teatro, filmes e demais produções cênicas. Quem cria figurinos é o **figurinista**.

## ETAPA 3

Com a turma, converse sobre onde se passou a brincadeira (casa, parque, mercado, escola etc.). Esse será o lugar da peça de teatro de vocês. Pensem agora como vocês podem construir um cenário para mostrar à plateia que lugar é esse.



- Vocês podem usar as carteiras da escola, caixas, objetos e materiais que estiverem disponíveis. Podem pintar um painel e combinar que cada um traga de casa um objeto para fazer parte da peça.

**Cenário** é o conjunto de elementos que compõem o espaço da cena. Quem cria o cenário é o **cenógrafo**.

- 1 Liste todos os objetos que vocês gostariam de usar na cena de vocês.

*Resposta pessoal.*

- 2 Desenhe como você imagina esse cenário.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

## ETAPA 4 Todas as respostas são pessoais.

Relembre o que aconteceu na brincadeira de vocês. O que mais vocês poderiam inventar para deixá-la mais interessante a quem for assistir?

- 1 Com a ajuda do professor, escrevam a história, os acontecimentos da brincadeira e as ideias para deixá-la ainda mais interessante.

---

---

---

---

---

---

---

---

- 2 Combine com os colegas um nome para a peça de teatro e escreva-o abaixo.

---

- 3 Agora vocês irão ensaiar a peça de teatro, com os personagens, o lugar e os acontecimentos que vocês escolheram! Usem o cenário e os figurinos dos personagens. Mostrem os colegas, dando tempo para que cada pessoa possa assistir. Ensaiem cada cena de modo que vocês assistam o ensaio das cenas dos colegas, observando e fazendo contribuições para melhorar cada uma delas.

- 4 Não se esqueça de convidar pessoas para assistir à peça de teatro de vocês. Veja abaixo um modelo de convite. Escreva as informações de sua peça de teatro e use esse modelo para fazer convites numa folha à parte.

\_\_\_\_\_, venha assistir à minha peça de teatro!

Nome da peça: \_\_\_\_\_

Dia: \_\_\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Beijos, \_\_\_\_\_



# ARTE NO DIA A DIA

## O QUE VAMOS EXPLORAR?

Vamos explorar importantes conceitos que nos ajudam a compreender algumas maneiras de construir uma imagem, investigando como as linhas, formas, cores e pontos se combinam. Também vamos aprofundar os modos de perceber uma imagem por meio da observação de obras de arte e nos divertir muito criando retratos e autorretratos!

As práticas a seguir nos levam a pensar em coisas importantes para as artes e para nossa vida: vamos falar de representação e de identidade. Não existe um único modo de representar alguma coisa. Muitas vezes, achamos que uma boa representação visual é algo que pareça muito com o que estamos vendo.

Você já pensou que cada pessoa vê o mundo de um jeito e, portanto, mesmo que todos escolhessem uma representação baseada no olhar, elas seriam todas diferentes exatamente por isso? Os traços, os gestos e as escolhas também refletem essa diversidade e nos garantem uma riqueza enorme de possibilidades.

Vamos partir da observação para explorar formas de representar a nós mesmos e ao outro. Para isso, faremos experimentos com alguns elementos das artes visuais. Como exemplo, escolheremos algo de nossa aparência que possa ser representado num desenho, pintura ou colagem. Também exploraremos linhas, cortes e sobreposição de cores que podem ser usadas para demarcar áreas de nosso rosto. Experimentaremos usar vários materiais, texturas e cores diferentes. Cada um deles nos dará um desafio e resultados diversos.

Também investigaremos que outros aspectos nos fazem parecer quem somos: nossa origem familiar, o lugar em que habitamos, a tonalidade de nossa pele, nossas histórias de vida etc. Vamos aproveitar as práticas para refletir sobre as diferenças e a diversidade de tons de pele, buscando observar as vivências de todos os colegas e aprender com elas.



## PARA REVISAR E REFORÇAR

### INVESTIGANDO POSSIBILIDADES

Vamos investigar possibilidades de observar e fazer retratos? Observe a imagem. Quem é essa mulher? Ela se parece com alguém que você conhece? Como será que o artista fez esse retrato?

Quando olhamos para o retrato, vemos a imagem de uma mulher com um lenço na cabeça e brincos grandes. Olhando mais de perto, vemos uma combinação de objetos. A forma como o artista organizou tudo faz com que consigamos ver ali a imagem de uma pessoa.

© Muniz Vik / AUTVIS, Brasil, 2021  
Museu de Arte Contemporânea, Lima



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

- 1 Vamos organizar objetos para formar algo novo, pensando em como nos vemos e vemos os outros a partir de nossa família. Busque em casa objetos que o façam lembrar de seus familiares. Pode ser uma comida, um livro, um brinquedo... Pergunte aos adultos se você pode trazer esses objetos para a escola por um dia.



Vik Muniz. *A cigana (Magna)*, 2008. Fotografia, 1,06 m x 1,31 m (detalhe).

Quando todos os objetos estiverem juntos, é hora de criar uma imagem nova, que só vai existir naquele momento. Fotografem-na e a desmontem no final para devolver os objetos às famílias.

- 2** Você já fez um desenho e ouviu alguém falar de “lápiz cor da pele”? A cor do lápis parecia com a cor da sua pele? [Resposta pessoal.](#)



Toda comunidade tem uma imensa diversidade de cores e tons de pele. Não faz sentido imaginar que uma cor de lápis corresponda ao tom da pele de todo mundo, não é mesmo?



Pustelover9024/Shutterstock.com

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**  
Vamos refletir sobre a pluralidade da comunidade escolar? Misture tintas e tente encontrar um tom de pele próximo ao seu, que o torna único e conta sua história. Use a mistura para pintar um papel ou papelão quadrado. Em seguida, o professor irá montar um mural com os papelões em algum lugar da escola.

- Reflita com os colegas: Todos os tons de pele são tratados com o mesmo respeito e valor na sociedade? O que pode ser feito para que isso ocorra? Observe a diversidade de sua comunidade.

O povo brasileiro é formado por pessoas que vieram de diversos países da África, da Europa, da Ásia e do Oriente Médio, e também por indígenas, que foram os primeiros povos a viver em nosso país.



## PARA AMPLIAR

# AMPLIAR O OLHAR

## ETAPA 1

Vamos experimentar observar a nós mesmos e o outro criando autorretratos, retratos dos colegas e ampliando nossas experiências.

- 1 Observe estes dois retratos com crianças e reflita:

Thomaz Badger.  
*Retrato de três garotos*,  
cerca de 1830.  
Aquarela sobre marfim,  
12,5 cm x 9,2 cm.



Metropolitan Museum of Art, Nova York



Metropolitan Museum of Art, Nova York

Gustav Klimt.  
*Mãda Primavesi*,  
1912-1913.  
Óleo sobre tela,  
149,9 cm x 110,5 cm.

### MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

- a) Que semelhanças você vê entre as duas pinturas? Quais são as diferenças? Converse com os colegas.
- b) Preste atenção em como os artistas representaram o lugar em que as crianças estão. Nos dois há elementos da natureza que aparecem de maneiras bem diferentes. Que diferenças você percebe? De qual desses modos de pintar você gosta mais? [Resposta pessoal.](#)



## ETAPA 2

[a\) Resposta pessoal.](#) Espera-se que os estudantes apontem as diferenças entre as obras, como: posicionamento dos corpos (aparecem por inteiro ou apenas rosto e ombros); ambientes retratados (internos ou externos); presença de elementos da natureza; como as cores são trabalhadas; se os artistas tentaram ser realistas nas imagens etc.

Vamos fazer um autorretrato. Use uma caneta permanente, um espelho e o material principal: você mesmo! Fique de frente para o espelho, tampe um dos olhos e risque no espelho as linhas que você vê. Tente não mudar sua posição até terminar.

- 1 Dê uns passos para trás e observe suas duas imagens. Como foi a experiência? Você aprendeu algo que pode ajudá-lo a desenhar retratos?



### ETAPA 3

Vamos continuar no processo do retrato, mas agora olhando para os amigos. Depois de passar pela experiência do espelho, é hora de colocar em prática o que você percebeu que pode ser bom observar num retrato. Vamos fazer uma ciranda de desenhos!

- 1 Peça a dois colegas que façam o seu retrato, cada um num dos espaços reservados para isso. Depois que o primeiro tiver terminado, cubra o desenho já feito com uma folha para que o segundo colega não veja o primeiro retrato.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

- 2 Agora você tem dois olhares diferentes sobre você. Observe os desenhos. O que vê de semelhante entre eles? E o que chama sua atenção nas diferenças? Você se reconhece em algum deles? [Resposta pessoal.](#)



## ETAPA 4


Depois de experimentar retratos e autorretratos de diversas maneiras, vamos criar um bem diferente. Tudo pronto para o desafio?



Sue McArthur/Shutterstock.com

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**

Retrato feito com recortes e colagem de papelão.

- 1** Vamos criar um retrato de um colega usando outro tipo de material: papéis coloridos. Podem ser papéis lisos, restos de revistas ou jornais, o que houver na escola. 
- a)** Escolha um colega que gostaria de retratar. O processo agora é diferente: escolha a cor da folha de fundo e siga fazendo o retrato do colega usando apenas papel. Não vale usar lápis, canetinha nem pincel.
- b)** Você pode recortar os pedaços de papel com as mãos ou com a tesoura. Pense em como vai representar os olhos, os cabelos, a roupa. Solte a imaginação e experimente, sem medo de errar.
- c)** No final, veja os trabalhos de todos os colegas e converse com eles sobre o que vocês aprenderam nessa nova experimentação.

# UMA RODA EM MOVIMENTO

## O QUE VAMOS EXPLORAR?

Nas próximas páginas, exploraremos ideias de movimento em duas formações: a roda e o cortejo.

Você já reparou que ações como caminhar e girar estão tanto nas danças como nas brincadeiras? Roda de carro, roda gigante, gira-gira, ioiô, pião: a própria roda já nos dá a ideia de movimento, de circulação. Quando estamos em uma formação de roda, podemos olhar nos olhos uns dos outros para jogarmos e dançarmos juntos. Quando giramos no próprio eixo, ou seja, sem sair do lugar, é como se puséssemos tudo o que está em volta para rodar também.

Já o caminhar nas manifestações traz a ideia de avançar, de seguir adiante, sem nunca se esquecer do passado, das origens. Ele está relacionado com o ato de desfilar para mostrar algo especialmente preparado para aquela ocasião, que carrega em si elementos da história. Prestando homenagem ao passado, o caminhar aparece nos cortejos de várias danças brasileiras. Quando saímos pelas ruas, esses desfiles sempre marcam presença e enriquecem o bairro com tradições populares.

Nas próximas páginas, vamos lembrar assuntos que provavelmente vocês já sabem para, por meio de algumas práticas sugeridas, entender melhor como essas ações fazem parte da linguagem da dança.

Assim, faremos rodas de brincadeiras e danças que são populares no Brasil e na África, como o “dade megbee”, parecido com o “corre, cutia”, e vamos conhecer melhor os símbolos de um cortejo bastante famoso: o maracatu. A partir da escolha de uma roupa que possa ser transformada em figurino, da composição de uma música chamada de toada e da confecção de miniestandartes, criaremos as alegorias dessa manifestação para brincar na escola.

As sugestões a seguir ajudam a perceber como é bom estar em grupo para desfrutar da companhia dos colegas com respeito e, para se divertir!



## PARA REVISAR E REFORÇAR

### BRINCADEIRAS E DANÇAS POPULARES

Você sabia que existe relação entre danças populares, jogos e brincadeiras cantadas em roda? Vamos praticar.

- 1 Formem uma roda para brincar de “Corre, cutia”. A cantiga diz assim:



Corre, cutia,  
Na casa da tia  
Corre, cipó,  
Na casa da avó  
Lencinho na mão  
Caiu no chão  
Moça bonita do meu coração  
– Posso jogar?  
– Pode!  
– Ninguém vai olhar?  
– Não!

Cantiga popular.



Fabiano Moura

“Dade megbee” (“coloque atrás”, em tradução livre) é uma brincadeira de Gana, na África. Ela é parecida com o “Corre, cutia”.

Na África, o “Dade megbee” também se brinca em roda, porém é usada uma pedra no lugar do lenço. Quando a pedra é colocada no chão atrás da pessoa escolhida, ela deve recolhê-la e correr no sentido contrário ao de quem a escolheu. Assim que o lugar vago da roda é ocupado, a brincadeira segue da mesma forma.

- 2 Teste a habilidade dos braços num desafio de “Escravos de Jó”:

Escravos de Jó jogavam caxangá.  
Tira, põe, deixa o Zambelê ficar.  
Guerreiros com guerreiros fazem  
zigue, zigue, zá.

Cantiga popular.

Seguindo a música, primeiro passe o objeto para o colega à direita. Quando todos conseguirem, é momento de inverter: passe o objeto ao colega à sua esquerda.



Além das rodas, há outra formação bastante popular entre as danças da cultura brasileira. São os cortejos. Enquanto as danças de roda acontecem em um lugar específico, os cortejos caminham por vários lugares diferentes. Dizemos que eles se deslocam espacialmente, indo de um lugar para o outro. Você já ouviu falar das congadas? E dos maracatus? Eles fazem seus percursos passando por vários endereços nas ruas da cidade, que podem ser largas, estreitas, de terra, de paralelepípedo ou de asfalto, não importa. Ladeira acima, ladeira abaixo, os cortejos seguem sempre o ritmo dos tambores espalhando cor, movimento e história com suas danças e músicas encenadas.

- 3** Imagine um *drone* sobrevoando uma dança em roda e um cortejo na rua. Agora desenhe como seria a visão aérea dele.



Para esta atividade, peça aos estudantes que desenhem algumas pessoas formando a roda, o círculo. No cortejo, duas linhas paralelas podem representar uma rua e as pessoas podem estar viradas para várias direções.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**



## PARA AMPLIAR

# SÍMBOLOS DO MARACATU

## ETAPA 1

### ESTANDARTE

O estandarte é um tipo de bandeira feita para homenagear uma nação ou um grupo. Enquanto a bandeira fica hasteada, ou seja, erguida, o estandarte precisa ser levado por uma pessoa.

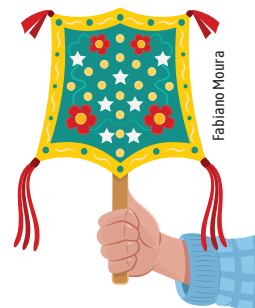


Ademar Filho/Futura Press

Estandartes na Prévia Carnavalesca de Olinda, Pernambuco.

- 1 Vamos fazer um miniestandarte? Ele pode homenagear um animal ou até uma pessoa. Use uma folha de papel e uma caneta. Letra inicial do seu nome e decorá-lo com as cores de que mais gosta. Use-o num cortejo ou desfile.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL



Fabiano Moura

## ETAPA 2

### TRAJE PARA FESTA

As roupas são importantes nas manifestações: cada um deve se vestir de acordo com seu papel. Na congada, as pessoas vestem camisas e saias rodadas; no maracatu, vestem manto, vestido e coroas. O cortejo imperial mostra a grandiosidade dos príncipes e das princesas da África, misturados com personagens como as baianas e os brincantes ou como os caboclos de lança e de pena.

- 1 Qual personagem você gostaria de fazer? Você tem roupas que combinam com a proposta? Teria roupas para emprestar a um colega? Traga as roupas para a escola no dia do desfile.



## ETAPA 3

### CRIAÇÃO MUSICAL

A música do maracatu é chamada de toada. Em uma toada famosa, o mestre homenageia os reis e conta de que lugar é o maracatu dele. Veja a letra:

Meu maracatu é da Coroa imperial.  
Meu maracatu é da Coroa imperial.  
É de Pernambuco, ele é da casa real.  
É de Pernambuco, ele é da casa real.

Paulo Lopes e Sebastião Lopes. *Coroa imperial*.  
Orquestra Columbia do Rio de Janeiro, 1937.

Agremiação de Maracatu de  
Baque Solto Estrela Brilhante.  
Recife, Pernambuco, 2020.



PHOENIX1423/Shutterstock.com

- 1 Usando seus conhecimentos sobre rimas, paródias e refrão, que tal criar uma releitura dessa toada com a turma? Escreva aqui suas ideias. Depois, mostre-as para os colegas e decidam como ficará a letra nova.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

Mestre: Meu maracatu é [Resposta pessoal](#).

Todos: Meu maracatu é \_\_\_\_\_.

Mestre: É \_\_\_\_\_, ele é \_\_\_\_\_.

Todos: É \_\_\_\_\_, ele é \_\_\_\_\_.

Você pode substituir “Coroa imperial” pelo nome de sua escola ou de algo que a represente. “Pernambuco” pode ser substituído pelo nome de seu estado ou cidade e, na última linha, pode entrar uma palavra que rime com o nome de sua escola ou com a palavra que a representa. Por fim, o professor escreverá a toada na lousa para todos ensaiarem o canto de maracatu da escola.



## ETAPA 4

### VAMOS DANÇAR!

A dança une a música e a interpretação dos motivos da festa. Vamos começar aquecendo o corpo para festejar. Quando estiverem prontos, logo depois de cantar o refrão e ouvir o apito, os pés vão levando o corpo todo para girar e caminhar de um lado para outro! Só não vale ficar tonto nem trombar com os amigos!



Desfile de Maracatu Rural. Olinda, Pernambuco, 2020.

Você pode misturar movimentos que gosta de fazer nas brincadeiras e gesticular com as mãos e os braços como se estivesse oferecendo e recebendo coisas boas.



Use sua imaginação para se manifestar pelo corpo e pelo movimento com a intenção de celebrar os reis e o desfile de sua nação escolar por todo o caminho, até formar, com os colegas, uma roda no final para todos brincarem livremente.

# SONS DO NOSSO LUGAR QUE ATRAVESSARAM O MAR

## O QUE VAMOS EXPLORAR?

Existem inúmeros tipos de instrumentos musicais e eles podem ser classificados de diversas formas, por exemplo, pelo tamanho, pelo material com que são feitos, pelo som que produzem, entre outras. A maneira mais conhecida de classificá-los é dividindo-os em três grandes grupos, chamados de famílias: a percussão, os sopros e as cordas.

Os instrumentos da família da percussão são aqueles que precisam ser batidos, chacoalhados ou raspados com mãos ou baquetas para emitir um som.

Os instrumentos da família dos sopros produzem o som quando o ar passa por seu interior através do sopro ou de um fole, por exemplo. Dentro dessa família, existem os sopros de madeira e os sopros de metal, que funcionam com diferentes tipos de bocal.

Os instrumentos da família das cordas são aqueles cujo som é produzido pela vibração das cordas, presas nas extremidades. As cordas podem ser dedilhadas, como no violão e na harpa, ou percutidas, como acontece no piano.

Nas próximas páginas, exploraremos os instrumentos focando na percussão.

Os instrumentos de percussão estão muito presentes na música de nossa cultura popular, e vários dos que conhecemos foram trazidos pelos africanos que aqui chegaram.

Com o objetivo de aprofundar nosso conhecimento dos sons, faremos alguns jogos de escuta, atenção e improvisação para perceber melhor as características ou as qualidades dos sons. Cada fonte sonora é feita de determinado material, com um tamanho, uma forma e um modo de ser tocada, o que faz com que seu som tenha características específicas. Vamos conhecê-las?



## PARA REVISAR E REFORÇAR

### OS INSTRUMENTOS MUSICAIS

Os instrumentos musicais podem ser construídos de diferentes materiais, ter formas e tamanhos variados, e essas características determinam o tipo de som que eles produzem. Podemos classificar os instrumentos em três grandes famílias: de percussão, de cordas ou de sopro.

- 1 Agora recorte as ilustrações de instrumentos musicais que estão na página 31 e cole-as no grupo da família correspondente.

#### Percussão

Os estudantes devem colar bateria, tamborim e xilofone.

#### Cordas

Os estudantes devem colar harpa, violão e violino.

#### Sopro

Os estudantes devem colar flauta, trompete e tuba.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

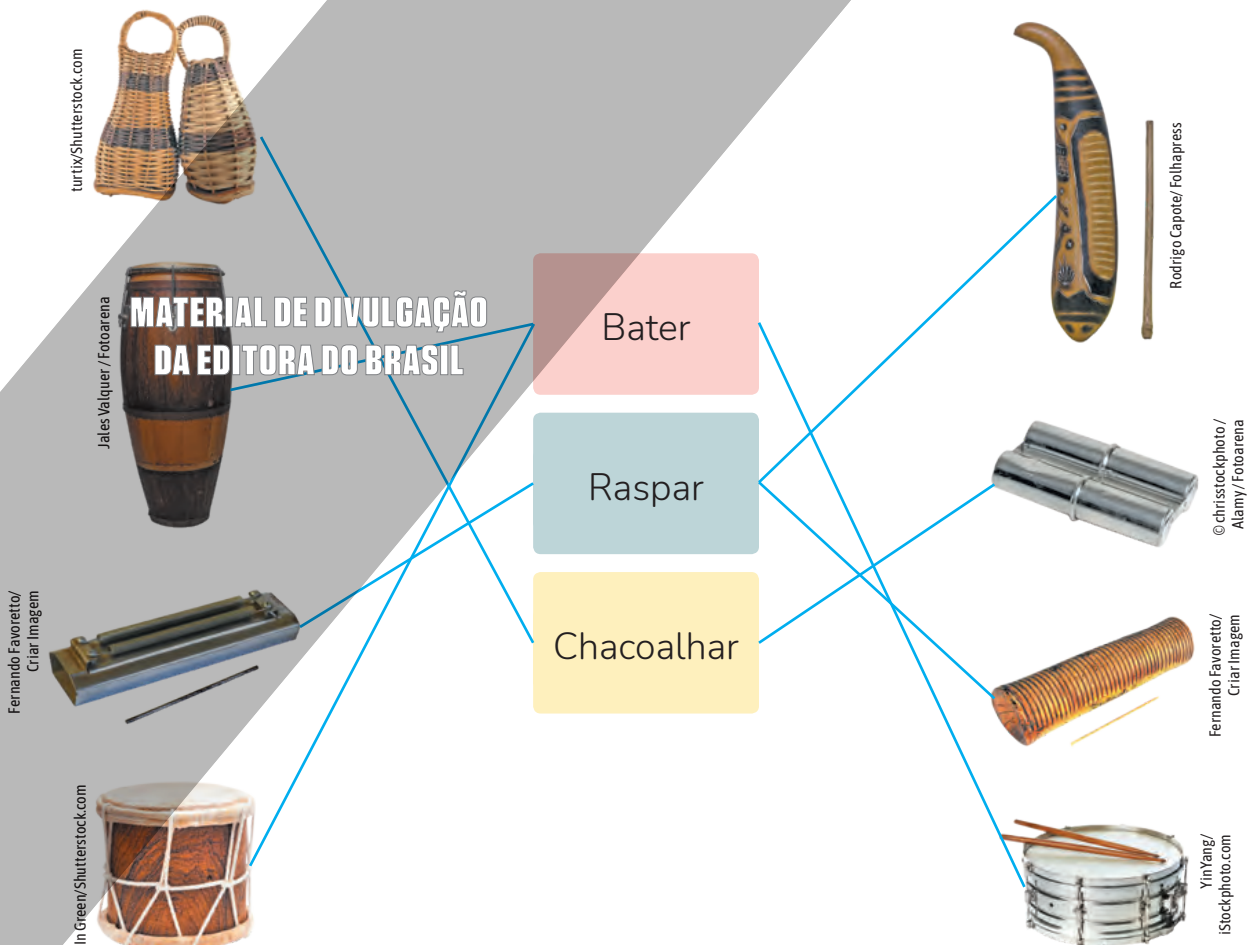
# INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO

Como vimos anteriormente, percutir é bater, raspar, chacoalhar. Os instrumentos da família da percussão são feitos de diversos materiais, por exemplo:

- um tambor pode ser feito de madeira, plástico, alumínio, cabaça, bambu, entre outros materiais, com uma membrana esticada presa nele. A pele animal é a membrana mais utilizada, podendo também ser sintética;
- um chocalho também pode ser feito de todos esses mesmos materiais que o tambor, mas ele tem suas duas extremidades sempre fechadas e leva sementes, miçangas, areia, entre outros materiais, dentro dele;
- um reco-reco é um instrumento feito de madeira, bambu, alumínio ou plástico.

Esses três exemplos de instrumentos de percussão são percutidos de diferentes maneiras.

**1** Ligue os instrumentos ao modo pelo qual cada um deve ser percutido.





## PARA AMPLIAR

# QUALIDADES DO SOM

Os instrumentos de percussão têm diferentes formatos e, dependendo do material com que são feitos, do tamanho e do formato, emitem sons específicos. Todo som tem **timbre**, **altura**, **intensidade** e **duração**, que são algumas das qualidades do som.

## ETAPA 1

### TIMBRE

O **timbre** é como uma “impressão digital” sonora do instrumento. Ele pode ser identificado pela fonte sonora, que é o instrumento ou objeto de onde foi produzido o som.

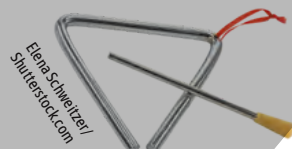
- 1** Cada um destes instrumentos tem um som característico. Você os conhece? Complete os nomes abaixo.



Ismar Ingber/Pulsar Imagens

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

\_\_\_\_\_ be \_\_\_\_\_ rim \_\_\_\_\_ bau \_\_\_\_\_



Elena Schweizer/  
Shutterstock.com

ângu \_\_\_\_\_ lo \_\_\_\_\_



Melotok289/  
Shutterstock.com

pan \_\_\_\_\_ dei \_\_\_\_\_ ro



Prathan Nakdontree/Shutterstock.com

xilofo \_\_\_\_\_ ne \_\_\_\_\_

- 2** Todos devem estar com um objeto sonoro ou instrumento musical em mãos. Primeiro, cada um tocará seu instrumento para que os outros conheçam seu timbre. Depois, um colega fechará os olhos e o professor escolherá outro para tocar. Aquele que estiver com os olhos fechados deverá adivinhar de qual instrumento veio o som.

Você percebeu se foi mais fácil reconhecer o som de algum instrumento por causa do material com que foi feito? [Resposta pessoal.](#)



## ETAPA 2

### INTENSIDADE

Outra qualidade dos sons é a **intensidade**. É muito comum confundirmos a intensidade com a altura do som. Essa confusão acontece porque costumamos dizer “Este som está muito alto!” ou “Fale mais baixo!” e, nesses casos, estamos falando do volume do som, que é o que chamamos de **intensidade**, e não da altura.

- 1 Procure lembrar alguns exemplos de sons suaves e sons fortes em seu dia a dia em casa, na rua e na escola, e compartilhe com os colegas. Em seguida, classifique os exemplos abaixo. Qual deles é suave e qual é forte?



suave



forte



forte



suave

- 2 Para perceber melhor a intensidade dos sons, primeiro vamos escutar o som do instrumento ou objeto de cada colega. Em seguida, vamos organizá-los numa sequência começando com os de som mais suave até os de som mais forte. Você percebeu se algum material emite um som mais forte do que outro? [Resposta pessoal.](#)
- 3 Agora vamos fazer um jogo de regência. Um estudante será o maestro e, com gestos, irá reger a intensidade com que o resto do grupo vai tocar.

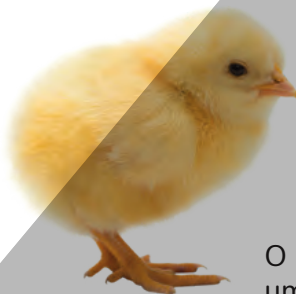


## ETAPA 3

### ALTURA

Um som pode ser **grave** ou **agudo**. Essa característica é a **altura** do som. Um som agudo dá a sensação de ser “fino”, e um som grave dá a sensação de ser “grosso”. Mas é só uma sensação, pois nós não podemos ver nem pegar o som.

Valentina Proskurina/  
Shutterstock.com



O piado de um pintinho é um som bem agudo.

Dan Marin Magliari/Shutterstock.com



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL

Já o som do trovão é bem grave.

- 1 Em sua casa, quem tem a voz mais grave? E a mais aguda?  
*Resposta pessoal.*



- 2 Cada estudante deve tocar um instrumento ou objeto sonoro. Vamos escutá-los e classificá-los do mais grave ao mais agudo. Depois, vocês deverão separá-los em dois grupos: um dos sons graves e outro dos agudos.



- 3 Faremos um outro jogo de escuta para reconhecimento das alturas: um de cada grupo fará um som, e quem for do grupo dos agudos só poderá tocar quando escutar um som agudo; quem for dos graves só tocará quando escutar um som grave.

## ETAPA 4

### DURAÇÃO

Outra característica dos sons é a **duração**: o som pode ser **curto**, **longo** ou ter duração intermediária entre curto e longo.



motive56/Shutterstock.com

O som de um avião, por exemplo, é um som longo.



egseeeg/Shutterstock.com

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**

Já o som de uma palma é um som curto.

**1** Cada estudante deve tocar um instrumento ou objeto sonoro. Escute cada som focando na duração que eles têm. Você escuta mais sons curtos, médios ou longos? [Resposta pessoal.](#)



**2** Depois de analisar os sons e conhecer suas características, que tal fazer música com eles? Um colega será o maestro e irá reger o grupo. Vamos lá?



## REFERÊNCIAS

ABREU, Graça; ZATZ, Lia. *Era uma vez um teatro*. São Paulo: Editora Biruta, 2013.

O livro conta a história de um sapateiro que, um dia, resolveu juntar crianças da vizinhança para fazer teatro. Com linguagem simples, as crianças devem interpretar as imagens que ajudam a construir o texto, tornando a leitura mais fácil e divertida para aqueles que estão aprendendo a ler.

BARBIERI, Stela; BAROUCK, Josca Ailine (coord.). *Interações: onde está a arte na infância?* São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações.)

A autora traz os lugares de experimentação de materiais, espaços, corpo e natureza com imaginação e criatividade, perpassando pela sensibilidade, exploração, pelos desafios e investigações naturais da criança.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 20 abr. 2021.

A BNCC é o documento publicado pelo Ministério da Educação que define as aprendizagens, as competências e as habilidades que todos os alunos do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA – Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno\\_pna\\_final.pdf](http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf).

Institui a Política Nacional de Alfabetização cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional.

BRITO, Teca Alencar de. *Um jogo chamado música: escuta, experiência, criação, educação*. São Paulo: Peirópolis, 2019.

A autora propõe a ampliação das ideias a respeito de música: “Estudar música é abrir a escuta para instrumentos nem tão conhecidos e provocar na gente outras sensações. É também um convite para se aproximar do outro e as crianças são seres musicais, sensíveis e receptivos”.

DERDYK, Edith. Palavra de... Edith Derdyk: o desenho do gesto e dos traços sensíveis. In: TEMPO DE CRECHE. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tempodecreche.com.br/repertorio-cultural/palavra-de-edith-derdyk-o-desenho-do-gesto-e-dos-tracos-sensiveis/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Edith Derdyk fala do novo olhar para o desenho da criança no contexto da arte contemporânea: o desenho que ultrapassa barreiras de modelos e normas formais para contar as sensações e gestos de quem o faz.

GIRAMUNDO. Belo Horizonte: Giramundo, [ 202-]. Disponível em: <http://giramundo.org/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Uma das facetas do grupo de teatro Giramundo potencializa a atividade educativa, possibilitando espaço para experimentação e formação nos campos de manipulação, montagem de cena e coreografia.

HARF, Ruth; STOKOE, Patrícia. *Expressão corporal na pré-escola*. São Paulo: Summus, 1987.

As autoras definem a expressão corporal situando-a no contexto da educação sistematizada e destacam sua importância como atividade específica da pré-escola, oferecendo um projeto de unidade didática.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

Por meio de resumo da arte narrativa, a autora enaltece o papel do contador que é, ao mesmo tempo, criador de histórias.

PRIETO, Heloisa. *A vida é um palco*. São Paulo: Edições SM, 2015.

O livro conta a história de três amigos que resolvem transformar suas brincadeiras em teatro e, assim, traz a questão de que a vida imita a arte e vice-versa.

ROSSET, Joyce. *Cores: muito mais do que azul, amarelo e vermelho! In: TEMPO DE CRECHE*. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tempodecreche.com.br/proposta-de-atividade/cores-muito-mais-do-que-azul-amarelo-e-vermelho/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

A autora enfatiza trabalhar os elementos das artes visuais em sua potencialidade, por exemplo, as cores. O foco do texto está na Educação Infantil, mas sua abordagem atende os anos seguintes.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 6. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

A autora destaca os processos de criação em várias linguagens. Ela explica que, na singularidade de cada artista, compreender a elaboração de uma obra é perceber o movimento de um rascunho para outro no processo de criação.

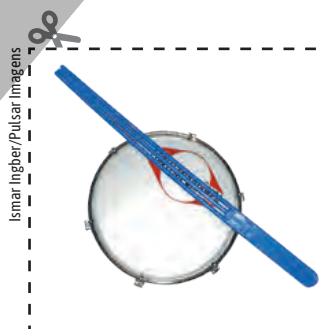
SILVA, Walde-Mar de Andrade e. *Lendas e mitos dos índios brasileiros*. São Paulo: FTD, 2015.

O livro contém 24 lendas dos povos habitantes do Xingu que apresentam ao leitor um pouco de sua forma de viver, seus rituais e suas festas.



# MATERIAL COMPLEMENTAR

## ENCARTE DA PÁGINA 24



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL



Recortar

An aerial photograph of a tropical beach with several thatched umbrellas. A dark diagonal stripe runs from the top right to the bottom left, partially obscuring the beach. The text is centered on this stripe.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO  
DA EDITORA DO BRASIL**

**ISBN 978-65-5817-803-3**